



**Licenciatura em Letras**

**GENICÉLIA LEAL DOS SANTOS**

**A LITERATURA LOCAL COMO FACILITADORA PARA O  
ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA DO 6º AO 9º ANO, A PARTIR DA OBRA: "A  
SERRA DOS DOIS MENINOS", DE ARISTIDES FRAGA LIMA**

**Paripiranga  
2021**

**GENICÉLIA LEAL DOS SANTOS**

**A LITERATURA LOCAL COMO FACILITADORA PARA O  
ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA DO 6º AO 9º ANO, A PARTIR DA OBRA: "A  
SERRA DOS DOIS MENINOS", DE ARISTIDES FRAGA LIMA**

Monografia apresentada no curso de graduação do Centro  
Universitário AGES como um dos pré-requisitos para  
obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora: Profª. Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa

Paripiranga  
2021

	Santos, Genicélia Leal dos, 1999
	A literatura local como facilitadora para o ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa do 6º ao 9º ano, a partir da obra: "A Serra dos Dois Meninos", de Aristides Fraga Lima / Genicélia Leal dos Santos. – Paripiranga, 2021.
	55 f.: il.
	Orientadora: Profª. Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro Universitário AGES, Paripiranga, 2021.
	1. A Serra dos Dois Meninos. 2. Literatura Local. 3. Língua Portuguesa. 4. Variação linguística. 5. Elementos da narrativa. 6. Saberes identitários. I. Título. II. Centro Universitário AGES.

# GENICÉLIA LEAL DOS SANTOS

## A LITERATURA LOCAL COMO FACILITADORA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º AO 9º ANO, A PARTIR DA OBRA: "A SERRA DOS DOIS MENINOS", DE ARISTIDES FRAGA LIMA

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Letras à Comissão Julgadora designada pela Coordenação de Trabalhos de Conclusão de Curso da Ages.

Paripiranga, 14 de julho de 2021.

### BANCA EXAMINADORA



Profª. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa  
Ages



Prof. Glaydston Dantas Machado de Figueiredo  
Ages

A Deus, por sempre está comigo em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins.  
A minha querida mãe, Gicélia, a quem eu sempre procuro quando o coração aperta.  
A Aristides Fraga Lima, por sua obra plausível: “A Serra dos Dois Meninos”.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que mesmo em meio a tantos desafios, sempre esteve ao meu lado, guiando-me e capacitando-me, renovando minhas forças, fé e esperança, e mostrando que quando os nossos sonhos também são da vontade d'Ele não tem como dar errado, pois Ele é quem cuida de tudo e quem abre caminhos para que o impossível aconteça.

Ao Centro Universitário AGES, pela qualidade no ensino-aprendizagem, ou seja, pelo comprometimento que tem com a educação de qualidade, pois, graças a metodologia ativa, por exemplo, tive a oportunidade de desenvolver e aprimorar minhas competências e habilidades.

A minha orientadora, Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa, pois contribuiu significativamente para que eu pudesse desenvolver com êxito este trabalho monográfico, sou grata por todas as orientações, desde o início desta jornada.

À coordenadora, Ma. Érica Fernanda Reis de Matos, por sua liderança, comprometimento e dedicação no que diz respeito a resolução de problemas burocráticos, sempre pensando no melhor para a nossa jornada acadêmica e disposta a ajudar no que estivesse ao seu alcance.

À professora, Ana Maria Ferreira de Oliveira, que em uma de nossas discussões no NEPH (Núcleo de Estudo em Pesquisa Histórica), mencionou o nome de Aristides Fraga Lima (autor paripiranguense), até então eu não tinha conhecimento sobre ele, mas logo fiquei encantada com as suas obras, sobretudo com: “A serra dos Dois Meninos”.

À professora, Ma. Aurélia Emília de Paula Fernandes, que com sua delicadeza, paciência e amor no ato de ensinar, despertou em mim esse desejo de sempre dar o meu melhor em tudo, independentemente da situação, agradeço também por sempre acreditar em meu potencial e por me guiar na realização dos meus objetivos, a senhora é uma verdadeira Mestra.

À professora, Ma. Karina Sales Vieira, pois mesmo tendo a oportunidade de estudar apenas duas disciplinas ao longo de toda a graduação, aprendi muito com os seus ensinamentos, os quais vão além da sala de aula. Sua humildade, empatia e competência profissional são características inspiradoras.

À professora, Dra. Jaqueline Carvalho Martins de Oliveira, por sempre ter ótimas estratégias didático-pedagógicas, de maneira a nos ensinar que com apenas um “brilho no olhar” é possível desenvolver aulas excelentes, simplesmente pela relação bacana entre aluno e

professor. Agradeço também por ter aperfeiçoado a minha educação linguística, com suas abordagens dinâmicas em torno do fantástico “guarda-roupa linguístico”.

Ao professor, Me. Glaydston Dantas Machado de Figueiredo, por ter me ensinado tanto sobre o admirável “mundo” da literatura, além disso, através de sua metodologia, eu pude, de fato, ser protagonista no ensino, admiro muito essa sua habilidade de mediar o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

A minha grande e querida amiga, Tassiane Santos Nascimento, ela que sempre foi força, paz e fortaleza na minha vida em momentos difíceis, sempre tivemos uma sintonia muito bacana e isto foi muito importante para que eu me sentisse motivada a continuar, mesmo diante dos momentos conflituosos.

Aos meus colegas, Marciel de Andrade, Leonardo Rabelo, Marco Teles, Diana Souza, Karolâiny Fraga, Jaqueline Alves, Tamires Souza, Regiane Menezes, Jeane Tereza e Andreza Araújo, por sempre estarem dispostos a me ajudarem, esse vínculo afetivo foi muito importante para que eu pudesse superar tais desafios, vocês, cada um com sua singularidade, são muito especiais.

A minha mãe, Gicélia Moraes dos Santos Cardoso, por ser o meu alicerce, minha motivação e minha base, que sempre batalhou para dar tudo do bom e do melhor para mim e para os meus irmãos, conscientizando-nos sempre que o ser é muito mais importante do que o ter. Assim, todo o meu esforço, dedicação, persistência e perseverança é por mim, é pela senhora, é por nós.

A minha irmã, Maria Naeli Leal dos Santos, por toda paciência em me ouvir nos momentos de grande tensão, bem como por vibrar de alegria junto comigo em situações satisfatórias.

Ao meu companheiro, José Giovanni Santos Andrade, pela parceria, cumplicidade e troca de saberes, além do incentivo na concretização dos meus objetivos, obrigada por todo apoio e por toda compreensão.

A minha família, “Família Andrezinho”, por me confortar em momentos de grandes tensões, todo carinho recebido foi fundamental na realização dessa conquista.

Aos funcionários da faculdade, em geral, que prezam pelo bom funcionamento da instituição, proporcionando aos acadêmicos um ambiente harmonioso e agradável, além de sempre fazerem o possível na resolução de questões acadêmicas, como é o caso de Maria Ôrtencia Pinto Santos, pois, com o seu zelo e preocupação, sempre esteve disposta a nos ouvir e a resolver possíveis problemas.

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho monográfico apresenta enquanto temática: A literatura local como facilitadora para o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano, a partir da obra: "A Serra dos Dois Meninos", de Aristides Fraga Lima. Diante do supracitado tema, tem-se como objetivo geral: compreender como a literatura local pode ser usada como recurso didático nas aulas de Língua Portuguesa. Já referente aos objetivos específicos: pesquisar as principais fontes teóricas acerca do valor pedagógico que a literatura local exerce para o ensino-aprendizagem; identificar os saberes essenciais na construção de competências cognitivas a partir do uso da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa; analisar as potencialidades pedagógicas presentes na obra: "A Serra dos Dois Meninos", de Aristides Fraga Lima. Como base teórica, utilizou-se, principalmente, Cândido (1970), Gonçalves e Bellodi (2005), Lajolo (1986), Oliveira (2016) e Brasil (2017). No que diz respeito a metodologia usada para a concretização desse estudo, trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa e quanto aos objetivos caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. Nota-se que a obra em análise (A Serra dos Dois Meninos) é crucial para o ensino, por exemplo, das variações e mudanças linguísticas, dos elementos da narrativa, bem como dos saberes identitários, especialmente da vida do sertanejo nordestino, todavia, para tanto, é indispensável desenvolver propostas de aulas em torno de sequência didática, a fim de sistematizar e contextualizar tais conteúdos.

**PALAVRAS-CHAVE:** A Serra dos Dois Meninos. Literatura local. Língua Portuguesa. Variação linguística. Elementos da narrativa. Saberes identitários.

## ABSTRACT

The present monographic work presents as thematic: Local literature as a facilitator for teaching and learning in Portuguese language classes from 6th to 9th grade, based on the work: "A Serra dos Dois Meninos", by Aristides Fraga Lima. In view of the aforementioned theme, the general objective is: to understand how local literature can be used as a didactic resource in Portuguese language classes. Referring to the specific objectives: research the main theoretical sources about the pedagogical value that local literature has for teaching-learning; identify essential knowledge in the cognitive skills construction from the use of local literature in Portuguese language classes; analyze the pedagogical potentialities present in the work: "A Serra dos Dois Meninos", by Aristides Fraga Lima. As a theoretical basis, we used mainly Cândido (1970), Gonçalves and Bellodi (2005), Lajolo (1986), Oliveira (2016) and Brazil (2017). With regard to the methodology used to carry out this study, it is an applied research, with a qualitative approach and regarding the objectives, it is characterized as a descriptive research. It is noted that the work under analysis (A Serra dos Dois Meninos) is crucial for teaching, for example, linguistic variations and changes, narrative elements, as well as identity knowledge, especially in northeastern sertanejo's life, however, therefore, it is essential to develop proposals for classes around a didactic sequence, in order to systematize and contextualize such contents.

**KEYWORDS:** The Serra dos Dois Meninos. Local literature. Portuguese language. Linguistic variation. Elements of the narrative. Identity knowledge.

# **LISTAS**

## **LISTA DE QUADROS**

1: Competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental .....	25
2: Variações linguísticas na obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima .....	37
3: Nível da fala observado nos discursos dos personagens da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima .....	38
4: Resenha da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima .....	40

## **LISTA DE FIGURAS**

1: Imagem fotografada da monografia de Pimentel (2004).....	29
2: Capa do livro, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.....	30
3: Imagem da antiga feira livre retratada na obra “A Serra dos Dois Meninos” .....	35

# SUMÁRIO

<b>1 MARCO INTRODUTÓRIO</b> .....	11
<b>2 MARCO TEÓRICO</b> .....	14
2.1 Breve concepção histórica acerca da literatura .....	14
2.2 A importância da literatura local nas aulas de língua portuguesa.....	16
2.3 O ensino de língua portuguesa na educação básica através da literatura.....	19
2.3.1 O porquê das variações linguísticas se fazerem tão necessárias nas aulas de língua portuguesa.....	21
2.4 Como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pensa o ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental .....	24
<b>3 MARCO METODOLÓGICO</b> .....	28
3.1 Quem foi Aristides Fraga Lima? .....	28
3.2 O porquê da escolha da obra “A Serra dos Dois Meninos” .....	30
3.3 Considerações metodológicas .....	31
<b>4 MARCO ANALÍTICO</b> .....	33
4.1 “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima: análises e contribuições para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, com ênfase na importância da literatura local .....	33
4.1.1 A presença da variação linguística na obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima .....	37
4.1.2 O ensino dos elementos da narrativa a partir da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50

# 1 MARCO INTRODUTÓRIO

A literatura é um termo de difícil conceituação, haja vista que a depender do contexto o estudioso apresenta/cria um conceito diferente, mas, em essência, a literatura é prazer e conhecimento. Assim, entendemos que mesmo com apresentações de sentidos diferentes, as várias definições acabam se complementando, e, que, a partir do contato que o leitor tem com a obra, e tendo em vista o seu estado emocional, ele também pode fazer suas ponderações acerca do conceito de literatura, por isso é um assunto amplo e complexo, logo, Lajolo (1986, p. 15) afirma que: “[...] depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura”.

É inegável, então, a importância da literatura no contexto escolar, aqui pensado de forma mais específica para as aulas de língua portuguesa, considerando que ela também é um instrumento lúdico, mas, para isto, o professor deve adotar estratégias didáticas capazes de chamar a atenção dos estudantes. Por este motivo, defende-se a ideia de se trabalhar, não só com obras nacionais, mas, principalmente, com obras locais, já que abordam sobre elementos que fazem parte da realidade dos alunos, sendo um fator relevante para motivá-los na realização da leitura.

Nesta direção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que é indispensável que os discentes tenham contato com a arte literária, assim como devem ser inseridos em contextos de aulas significativos, cujos conteúdos precisam ser contextualizados. Em função disto, faz-se necessário ratificar acerca de planos de aulas que visem colocar em prática tais critérios, pois, como se nota, é direito dos estudantes ter uma educação de qualidade (BRASIL, 2017).

É correto afirmar que a literatura é uma arte capaz de desenvolver no leitor diversos saberes, dentre eles pode-se mencionar o saber intelectual, mas vale frisar que nas aulas de língua portuguesa é priorizado, quase sempre, apenas a literatura nacional, ou seja, o espaço que há para se trabalhar com a literatura local é reduzido, talvez por ela não ser prestigiada em comparação às literaturas nacionais. No entanto, diante disso, deseja-se saber acerca da importância da literatura local, com ênfase na obra: “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, para o ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental.

A “A Serra dos Dois Meninos” é uma obra literária, de caráter infantojuvenil, escrita por Aristides Fraga Lima. O autor nasceu em 2 de julho de 1923, na cidade de Paripiranga-BA, e aventurou-se pelas cidades circunvizinhas, o que resultou na produção de dez livros. Dessa forma, por ser um escritor local, consideramos importante que os professores desta comunidade, mais especificamente os de língua portuguesa, do Ensino Fundamental nos anos finais, trabalhem com tais obras, aqui exemplificada pelo livro “A Serra dos Dois Meninos”, na qual é mais perceptível os elementos locais. Assim, é possível desenvolver nos alunos não só os saberes cognitivos, mas também os culturais.

Nesse sentido, este trabalho monográfico, cujo tema versa sobre a contribuição de um autor local para o ensino-aprendizagem, foi elaborado com fins educacionais, no sentido de valorizar a literatura local, logo, tem-se como objetivo geral: compreender como a literatura local pode ser usada como recurso didático nas aulas de língua portuguesa. No que se refere aos objetivos específicos: pesquisar as principais fontes teóricas acerca do valor pedagógico que a literatura local exerce para o ensino-aprendizagem; identificar os saberes essenciais na construção de competências cognitivas a partir do uso da literatura local nas aulas de língua portuguesa; analisar as potencialidades pedagógicas presentes na obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.

A estrutura do texto segue a orientação padrão da instituição. Assim, está dividido em três partes: a primeira composta por esta introdução, em que se apresenta, de forma panorâmica, a organização do texto como um todo; a segunda parte é formada por três capítulos, sendo eles: Marco Teórico, Marco Metodológico e Marco Analítico; e, por fim, tem as Considerações Finais.

O marco teórico, foi subdividido em cinco tópicos, a saber: Breve concepção histórica acerca da literatura; A importância da literatura em uma perspectiva local nas aulas de língua portuguesa; O ensino da língua portuguesa na educação básica através da literatura; O porquê das variações linguísticas se fazerem tão necessárias nas aulas de língua portuguesa e Como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pensa o ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental. Vale pontuar que os tópicos supracitados foram apresentados a partir de um diálogo de ordem teórica, ou seja, para cada discussão ancora-se em estudos já consolidados enquanto pesquisa.

No que diz respeito ao Marco Metodológico, encontra-se nele três subtópicos: Quem foi Aristides Fraga Lima?; O porquê da escolha da obra “A Serra dos dois meninos” e Considerações metodológicas. Logo, é cabível salientar que a pesquisa científica, em consonância com Prodanov e Freitas (2013), exige do pesquisador métodos bem sistematizados,

a fim de que se possa obter dados significativos, em razão disso, no tocante a metodologia utilizada para a realização desse estudo, trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa e quanto aos objetivos caracteriza-se como uma pesquisa descritiva.

Com relação ao último capítulo, isto é, ao Marco Analítico, está estruturado da seguinte maneira: “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima: análises e contribuições para o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, com ênfase na importância da literatura local; A presença da variação linguística na obra “A Serra dos Dois Meninos,” de Aristides Fraga Lima; O ensino dos elementos da narrativa a partir da obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.

No que se refere às considerações finais, teceu-se, entre outros olhares, a constatação que a análise desenvolvida na obra selecionada, ou seja “A Serra dos Dois Meninos”, possibilita a exploração de diferentes perspectivas pedagógicas de valor literário, a exemplo: da variação linguística, mudança linguística e elementos da narrativa, sem deixar de mencionar os aspectos de ordem sociocultural, ganhando destaque os saberes identitários, especialmente da vida do sertanejo nordestino. Dessa forma, é perceptível a importância deste trabalho nas aulas de língua portuguesa, sobretudo no segmento dos anos finais, pois estes estudantes já têm maior maturidade para compreenderem e analisarem o enredo.

## 2 MARCO TEÓRICO

A literatura é uma arte capaz de desenvolver habilidades intelectuais e artísticas, por isso é importante que sejam trabalhadas as obras literárias em sala, especialmente nas aulas de língua portuguesa. Dessa forma, cabe ressaltar acerca da pertinência dos estudantes ter contato com a literatura, pois, assim, é possível conhecer elementos importantes de sua comunidade. De acordo com Candido (1995), a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, haja vista que ela dar forma, organiza os sentimentos e a visão de mundo. Assim, para o supracitado estudioso, negar a fruição da literatura é negar a essência da humanidade.

Nesta direção, este capítulo tem como finalidade evidenciar a importância da literatura local para o ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, além de debater acerca dos saberes cognitivos mais pertinentes da disciplina de português, para o desenvolvimento intelectual do aluno, com ênfase no Ensino Fundamental nos anos finais. Para isso, buscou-se referenciais teóricos que discutissem sobre as temáticas apresentadas, como forma de compreensão de tais questões.

### 2.1 Breve concepção histórica acerca da literatura

A literatura é um vasto campo de conhecimento intelectual e artístico que agrega valores culturais para a sociedade. Daí a importância de mencionar que, desde muito tempo, ela sempre foi um assunto muito discutido por diversos estudiosos. A exemplo disso, Platão e Aristóteles foram dois grandes filósofos da antiguidade que se dedicaram a entender o significado desta arte, porém ambos apresentavam pontos de vistas contrários, os quais foram pertinentes para a amplitude da literatura. Platão entendia que a literatura só seria válida se o seu objetivo fosse edificar o cidadão, caso contrário ela seria produto de um conhecimento falho, já Aristóteles a julgava como um produto capaz de produzir conhecimento, sendo ela a representação daquilo que poderia acontecer (GONÇALVES; BELLODI, 2005).

Por essa perspectiva, de acordo com Tavares (1978) apud Silva (2015, p. 21), “[...] o termo ‘literatura’ constitui-se de inúmeros sentidos, por isso se tornou uma palavra difícil de conceituação, pelo menos de modo uniforme”. Isso explica o motivo de haver tantas visões no que diz respeito a esta expressão, uma vez que, a diversidade de posicionamento vai de acordo

com as experiências de cada um, quer dizer que os autores definem a literatura com base em suas subjetividades.

Até então, percebe-se o quão é complexo chegar a uma única definição de literatura, visto que nem mesmo esses filósofos conseguiram conceituá-la de maneira igual ou semelhante. E, assim, as inquietações continuam: o que é literatura? Como fazê-la? Por que estudá-la? Será que literatura é apenas uma disciplina presente no currículo escolar? Estes são exemplos de questionamentos que fomentam a ampliação da discussão em torno desta expressão. Logo, é perceptível que as incertezas são fundamentais para a construção do conhecimento, dado que as dúvidas precisam ser sanadas.

Na visão de Cândido (1970, p. 176), a literatura diz respeito a “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. O autor referenciado acrescenta que a literatura faz parte da vida de toda e qualquer pessoa, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação”.

Com base ainda na visão do autor, percebe-se que é praticamente impossível chegar a uma única concepção acerca da literatura, ou seja, cada estudioso que se debruça a entender sobre o assunto, apresenta pensamentos que contribuem para ampliar o significado desse vocábulo. Assim, as ideias apresentadas por tais especialistas são pontos de vistas complementares, trata-se, por exemplo, de um aperfeiçoamento dos conceitos atribuídos a esta palavra.

[...] após muitos anos de evolução de significados do vocábulo, literatura ainda se refere tanto às teorias estéticas, períodos e escolas literárias, bem como os autores e obras que os compõem, quanto a um determinado compêndio de uma ciência, como, por exemplo, a literatura médica sobre alguma doença e seus tratamentos (SILVA, 2015, p. 21).

Ainda na opinião de Cândido (1970), a literatura é um instrumento humanizador, pois nos textos ficcionais, como na poesia, é possível observar os problemas e as ideologias da sociedade. Portanto, a partir do momento em que o leitor viaja neste mundo literário, ele pode sensibilizar-se com as problemáticas encontradas e, talvez, mudar suas ações a favor da resolução de problemas, pois, como bem aponta Gonçalves e Bellodi (2005), a literatura também é conhecimento.

Além do conhecimento, as autoras referenciadas acrescentam uma outra característica importante da literatura: o prazer. Elas afirmam que “Esta junção do aspecto cognitivo com o prazeroso é o que transforma a arte numa atividade também lúdica, e é por meio do prazer lúdico que se define a especificidade do conhecimento na arte” (p. 14). Dessa forma, estes dois elementos são o que possibilita aquilo que Cândido (1970) chama de humanização.

Dando continuidade, Silva (2015) salienta que, além de ser arte, a literatura também é ciência, pois “constitui-se de um ato criador que manuseia a palavra para criar um mundo autônomo que pode representar a realidade ou subvertê-la, formando um universo realista ou fantástico” (p. 23). Daí a importância de enfatizar, em um sentido mais específico, sobre o quão as obras locais e/ou regionais são imprescindíveis para determinada comunidade, especialmente no âmbito educacional, pois é uma maneira de formar o cidadão, já que os saberes a ser aprendidos pelos alunos não são apenas cognitivos, mas também culturais.

Quer dizer que a literatura é “[...] uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos [...]” (CÂNDIDO, 1970, p. 178-179). Assim, é perceptível sua relevância nas aulas de língua portuguesa, pois ela é um instrumento capaz de gerar discussões significativas em torno de temáticas sociais e culturais, por isso, provavelmente, a consideram como uma ferramenta humanizadora, já que tais discussões podem levar o sujeito a mudar suas atitudes.

Tomando como referência tudo o que já foi discutido até então, de acordo com Lajolo (1986, p. 15), a definição de literatura “[...] depende do ponto de vista, do sentido que a palavra tem para cada um, da situação na qual se discute o que é literatura”. Quer dizer que a bagagem literária de cada leitor, escritor, especialista, influenciará na conceituação deste termo, por isso que é tão complexo chegar a uma única definição desta palavra.

Destarte, analisar o panorama histórico da literatura, faz-se indispensável para que se possa observar o seu impacto na sociedade da época e no atual contexto social, ou seja, por meio dela (arte da palavra escrita) é possível compreender a humanidade, seus problemas, culturas, diversidades, etnia, uma vez que, tem a função de retratar a realidade. Assim, ao mesmo tempo que os textos ficcionais divertem, eles também informam e convidam o leitor a repensar acerca de suas condutas.

## **2.2 A importância da literatura local nas aulas de língua portuguesa**

Conforme já mencionado, quando se refere à literatura, pode-se atribuí-la vários conceitos. Para Cândido (1970), por exemplo, ela é um instrumento humanizador, já na

concepção de Gonçalves e Magaly (2005), a literatura é prazer e conhecimento. Em linhas gerais, pode-se concluir que a literatura, no contexto atual, é uma tentativa de escrita “imaginativa”, no sentido de ficção. Assim, o que não se pode negar é que a literatura trata de um assunto complexo e significativo, por isso as definições acerca deste termo são de acordo com aquilo que de fato ela representa.

Segundo Fernando (2009) apud Souza e Barreiros (2015, p. 71), “[...] os textos literários permitem que as gerações se encontrem, pois a partir do texto literário, a geração contemporânea tem a oportunidade de conhecer as anteriores, com suas diversidades sociais e culturais”. Fica evidente, então, o valor que há, especialmente, na literatura local ou regional, dado que conhecer a história da comunidade em que os estudantes estão inseridos é fundamental para ampliar a sua bagagem identitária.

Por essa perspectiva, Arendt (2015, p. 115) afirma “[...] que a condição fundamental para que uma obra literária seja qualificada como “regionalista” é o seu comprometimento voluntário com a cultura de uma região [...]”. Em outras palavras, a literatura regional valoriza os aspectos locais de uma localidade, sejam eles culturais, sociais, linguísticos e/ou dentre outros elementos. O autor citado acrescenta, ainda, que “a literatura que se assume regionalista costuma qualificar uma região por meio da representação positiva das suas regionalidades”.

Convém salientar, nesse sentido, que a literatura regional, por exemplo, é fonte de conhecimento histórico, pois “entende-se que os contos, os romances e as poesias têm, além da dimensão literária, valor como testemunhos da realidade social e histórica vivida pelos homens em uma determinada época” (OLIVEIRA, 2016, p. 94). Diante disso, percebe-se a importância que há nas literaturas regionais, locais, dado que estas são “documentos”, pode-se dizer assim, cruciais para uma comunidade específica.

É perceptível, diante disso, que a literatura, em uma visão geral, e de acordo com o autor supracitado, “[...] ocupa um lugar de destaque para expressar concepções e representações acerca dos homens, do mundo e dos lugares”. Então, nota-se, que ela é ampla, com sua diversidade cultural, linguística e intelectual, em razão disto, vale ratificar a importância de se trabalhar com a literatura local ou regional no ensino-aprendizagem, uma vez que, como as literaturas nacionais já tem seu espaço, faz-se necessário, portanto, conquistar o espaço da literatura regional, tendo em vista a sua grandiosidade.

É notório, portanto, que não se pode falar em literatura sem relacioná-la com a sociedade, visto que ambas mantêm uma relação indissociável, mesmo sabendo que a literatura não retrata a sociedade igualmente como ela é, primeiro ela a poetiza (TOMÉ, 2009). Contudo, entender determinada obra significa ler nas entrelinhas, observar suas subjetividades, para,

assim, analisar a denúncia que o autor está fazendo referente aquele período, aquela época. É aí que se pode desenvolver a criticidade do sujeito, sobretudo quando o texto se refere a sua localidade, pois ele terá mais propriedade para se posicionar.

Nesse sentido, “ao perceber que aspectos culturais de seu entorno estão representados nos textos literários, os sujeitos identificam-se com a literatura a ponto de se sentirem representados culturalmente, estabelecendo uma empatia e interesse pelo texto literário” (SOUZA; BARREIROS, 2015, p. 71). Diante disso, é visível a importância da literatura local nas aulas de português, visto a possibilidade em aproximar o sujeito com a obra, favorecendo, então, no aperfeiçoamento das habilidades leitoras.

Quer dizer que as aulas de língua portuguesa devem ser um espaço destinado para aprimorar a bagagem cultural dos alunos, uma vez que, faz-se necessário a compreensão dos elementos não só globais, como também locais. Ou seja, trabalhar com temáticas referentes às realidades dos estudantes é um fator pertinente para a valorização da cultura de sua comunidade.

De acordo com Souza e Barreiros (2015), outro ponto que merece destaque diz respeito a criação de um acervo na escola com os textos literários de autores locais, podendo também ser digitados e compartilhados na web, dado a facilidade em manusear com as tecnologias digitais. Por exemplo, além de os discentes terem a oportunidade em conhecerem elementos de sua localidade, também poderão organizar tais produções em sua própria escola ou em meios digitais.

Fica evidente, então, a importância da literatura na formação do indivíduo, já que ela é capaz de desenvolver competências indispensáveis na atuação cidadã, como a criatividade e criticidade. Sendo assim, vale ratificar o valor da literatura local, já que os alunos poderão se apropriarem de problemáticas de sua localidade e, assim, contribuirão para a resolução de problemas específicos, ou seja, terão a oportunidade de relacionar conteúdos curriculares com a sua realidade.

Uma das coisas interessantes da literatura é propiciar ao leitor diversas interpretações acerca da obra lida, cada pessoa que ler cria uma visão e dar significados, por isso, ela trata-se de um instrumento que possibilita o sujeito desenvolver um perfil crítico, questionador e reflexivo. Daí o seu valor nas aulas de língua de portuguesa, já que a sociedade contemporânea exige tais características.

É a literatura porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco de percurso de leitura de cada um (LAJOLO, 1986, p. 43).

Diante disso, é perceptível a importância da literatura local nas aulas de língua portuguesa, visto que se faz necessário o desenvolvimento dos saberes culturais na formação do sujeito, pois o conhecimento sobre sua própria história é indispensável. Por isso, torna-se fundamental que o professor não hesite em trabalhar com esta “ferramenta”, uma vez que, é possível ampliar a bagagem intelectual do estudante.

### **2.3 O ensino da língua portuguesa na educação básica através da literatura**

Na educação básica, o discente precisa desenvolver competências e habilidades essenciais para a vida em sociedade, como, por exemplo, a leitura e a escrita, já que elas são aptidões primordiais na vida de qualquer pessoa, mas não se resume apenas a isto, já que o ensino de português carrega uma gama de assuntos importantes a serem discutidos. Logo, vale enfatizar que tais objetos de conhecimentos precisam ser contextualizados, para que tenham sentido na vida do aluno, em razão disso, é que se defende a ideia do ensino do português na educação básica, através da literatura.

Vale evidenciar, dessa forma, que um dos campos de atuação expostos na BNCC é o campo artístico-literário, “[...] trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações” (BRASIL, 2017, p. 138). Então, é notório que a literatura, de fato, pode contribuir significativamente para ampliar a bagagem intelectual dos discentes, mas para isto, faz-se necessário pensar, de maneira sistemática, as propostas de aulas.

É pertinente ratificar, contudo, que ler e escrever são duas habilidades que devem ser desenvolvidas na vida do sujeito desde muito cedo, uma vez que, comunicar-se é uma necessidade primordial do ser humano. Portanto, é sabido salientar que o trabalho com Sequência Didática (SD) na sala de aula, trata de uma possibilidade essencial para o aperfeiçoamento destas capacidades intelectuais, pois trabalha em torno de gêneros orais ou escritos e, sendo assim, é possível desenvolver os mais variados tipos de linguagem, a depender das situações comunicativas em que os alunos serão inseridos

Com base nessa perspectiva, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) afirmam que a SD “[...] tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Em outras palavras, a Sequência Didática permite aos estudantes

aprimorarem suas habilidades comunicativas, com argumentos consistentes, coesos e coerentes, e se ela for desenvolvida em torno de uma literatura é muito mais saboroso para o discente.

É indispensável deixar claro que o ensino da gramática normativa, portanto, não deve ocorrer de maneira descontextualizada, uma vez que, os alunos precisam perceber a funcionalidade da língua, de maneira reflexiva (BRASIL, 2017). Aliás, gramática, linguística e literatura necessitam andar em uma relação indissociável, pois esta tríplice, quando trabalhada de forma conjunta, promove um ensino-aprendizagem plausível, sobretudo quando as sugestões de atividades são elaboradas tendo em vista a SD.

Conforme aponta Marcuschi (2010, p. 76), “[...] os gêneros são vistos como dinâmicos e de expressiva plasticidade, são constitutivos das práticas discursivas e sociais, exercem funções sociocognitivas no contexto das relações humanas [...]”. Diante disso, vale ressaltar que uma sequência didática estruturada em torno de um determinado gênero e com base em alguma obra literária favorece para o desenvolvimento da educação integral, uma vez que, é trabalhado com os alunos não só os conteúdos cognitivos, mas os extracurriculares também.

Os textos literários também permitem a análise dos elementos narrativos dentro da própria obra, quer dizer que os alunos serão inclusos em contextos significativos, já que de acordo com Brasil (2017), a sala de aula deve ser um lugar com práticas curriculares contextualizadas. Assim, não tem sentido a explicação de determinado conteúdo sem a sua relação na prática, por isso que as obras literárias são tão importantes, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

Com base nessa ideia, e com a referência citada, o campo artístico literário tem como principal finalidade a formação literária dos estudantes, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da fruição, de modo que eles conheçam a estrutura dos gêneros narrativos, para, assim, poderem ampliar a sua linguagem e bagagem de experiências. Por outro lado, os textos poéticos também devem servir de instrumento humanizador, como já mencionado por Cândido (1970).

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos) [...] (BRASIL, 2017, p. 138).

Tendo em vista a importância das obras literárias, cumpre mencionar que estas produções trazem em suas entrelinhas “[...] valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente” (BRASIL, 2017, p. 139). Desse modo, um assunto que merece ser enfatizado diz respeito as variações linguísticas, pois se faz necessário a conscientização de que os falantes têm maneiras próprias de comunicar um determinado vocábulo, tendo influência da faixa etária, localidade em que reside, grupo social etc.

As variações linguísticas, sendo assim, “[...] são diferentes formas linguísticas que vinculam um mesmo sentido” (FIORIN, 2007, p. 112), ou seja, estes fenômenos possibilitam enriquecer o vocabulário, oportunizando o surgimento de novas palavras, por isso que a língua é passível de mudanças. No entanto, é correto dizer que o preconceito linguístico trata de um assunto que ainda precisa ser discutido no âmbito educacional, pelo fato dos discentes não terem esta consciência linguística.

A literatura, nesse sentido, trata-se de um mecanismo crucial para conscientizar sobre as variações linguísticas, uma vez que, as obras literárias são ricas em diversas expressões, como as regionais, por exemplo, também podem-se perceber a mudança linguística, que é quando determinada palavra é oficializada. Diante disso, Bagno (2006, p. 22) afirma que “a língua que falamos hoje no Brasil é diferente da que era falada aqui mesmo no início da colonização, e também é diferente da língua que será falada aqui mesmo dentro de trezentos ou quatrocentos anos”.

Dessa forma, o ensino de português, a partir da literatura, trata-se de um instrumento de grande relevância para o desenvolvimento de habilidades essenciais no aluno da educação básica, visto que ela pode ser capaz de contextualizar diversas temáticas, além de aprimorar a interpretação textual, já que a leitura será exercitada. Logo, cabe ratificar que ler e escrever são necessidades do ser humano e em momento algum o professor deverá negligenciar tais questões em suas aulas.

### **2.3.1 O porquê das variações linguísticas se fazerem tão necessárias nas aulas de língua portuguesa**

É válido perceber que o trabalho com as variações linguísticas é fundamental no ensino de português, uma vez que, elas dão informações imprescindíveis para amenizar o preconceito linguístico. Desse modo, vale salientar que o docente de língua portuguesa precisa priorizar este

conteúdo em suas aulas, dado a indispensabilidade de formar sujeitos humanizadores, capazes de compreenderem a diversidade cultural, racial e, especialmente, linguística.

Nota-se, que essas variedades da língua são processos naturais, elas decorrem, por exemplo, a favor da facilidade em pronunciar determinado vocábulo, e isto não quer dizer que o falante esteja pronunciando errado, ele apenas não usou a palavra de acordo com o que está prescrito na gramática normativa. Assim, conforme apontam Santana e Neves (2015), é pertinente destacar que a língua possui variações, as quais são importantes para a nossa cultura e identidade.

A variação linguística está relacionada com as diferentes expressões criadas para se referirem a um único objeto, isto é, “numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica –, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica” (FIORIN, 2007, p. 122). Quer isto dizer que a variação linguística se distancia da gramática normativa, e por este motivo ela é alvo de discriminação.

Por essa perspectiva, Labov apud Coelho et al. (2010, p. 22) afirma que “[...] não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação”. Portanto, a partir desta afirmação, pode-se observar a existência da personalidade linguística de cada falante, bem como o grau de formalidade linguística, uma vez que, faz-se necessário essa adequação aos contextos de interação social.

Daí a pertinência de ressaltar acerca da educação linguística, uma vez que, ela tem como finalidade respeitar a linguagem dos falantes, mas apresentando a forma adequada de falar. Nas palavras de Bagno e Rangel (2005, p. 63), a educação linguística trata de “[...] fatores socioculturais que, durante toda a existência de um indivíduo, lhe possibilitam adquirir, desenvolver e ampliar o conhecimento de/sobre sua língua materna, de/sobre outras línguas, sobre a linguagem de um modo mais geral e sobre todos os demais sistemas semióticos”.

Aqui não está defendendo a ideia de que o sujeito deve falar “errado”, mas sim acredita-se na importância de apresentá-lo sobre a adequação linguística, visto a necessidade que cada contexto exige. Para mais, o ensino das variações é indispensável nas aulas de língua portuguesa, uma vez que, tal estudo amplia as visões acerca deste assunto, principalmente, no que se refere aos condicionadores, pois nota-se que para o surgimento dessas variantes há uma explicação coerente.

Fica evidente, nesse sentido, que para a ocorrência de tais variações há uma série de fatores que contribuem para tal, a exemplo disso, pode-se mencionar: faixa etária, gênero, grau

de escolaridade, grupo social e dentre outros. Assim, tais elementos recebem o nome de condicionadores extralinguísticos ou sociais (aspectos externos da língua), além deste, Coelho et al. (2010) abordam em torno dos condicionadores linguísticos (aspectos internos da língua).

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais exatamente são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos ao sistema linguístico ou externos a ele. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos; exemplos são a ordem dos constituintes, a categoria das palavras ou construções envolvidas, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos ou sociais; entre eles, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante (COELHO et al., 2010, p. 28).

Em consonância com Cereja, Viana e Damien (2016), é notório que não há um único tipo de variação, mas sim vários, como a diacrônica ou histórica (evolução das palavras), diatópica ou geográfica (lugar de origem), diastrática ou social (influência do grupo em que o falante está inserido) e diafásica ou situacional (linguagem formal ou informal). Dessa forma, é fundamental compreender que as variações linguísticas não surgem de maneira aleatória, por trás do seu aparecimento sempre tem um contexto.

Quer dizer que essas variedades estão presentes, de forma constante, no dia a dia dos falantes, isto é, mesmo uma pessoa sendo de nível econômico alto, não está imune às variações. O que se pode afirmar, no entanto, é que existe as variantes padrão e a não padrão, ou seja, “[...] a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam” (COELHO et al., 2010, p. 27).

Em razão disso que o preconceito linguístico se trata de um assunto de tamanha necessidade, que precisa ser discutido com os alunos, pois precisam desmistificarem essa ideia de “erro linguístico”, o que existe são pessoas que falam diferente, até porque, como bem aponta Bagno (2006), só não é considerado variação aquilo que está ambíguo ou confuso, fora isto não se deve corrigir o que é espontâneo. Desse modo, o ensino de português nas escolas deve levar em consideração a diversidade linguística, tendo como finalidade amenizar o preconceito.

O preconceito linguístico se refere a intolerância às expressões diferentes da gramática normativa. Daí a importância de desenvolver ações nas aulas de língua portuguesa que visem proporcionar o ato reflexivo diante das particularidades linguísticas que cada falante tem de se comunicar. Por isso que o indivíduo precisa ter uma boa educação linguística, a fim de ter conhecimento das diversidades da língua, para não se menosprezar por não saber falar “corretamente” (BAGNO, 2006).

O uso padrão da língua se faz importante, sobretudo, na modalidade escrita, uma vez que, o leitor precisa entender o objetivo do texto que foi lido, mas em outros contextos as variações não interferem no entendimento do enunciado, ou seja, os falantes são competentes em exercer sua própria língua, dessa forma é inegável a insignificância do preconceito linguístico. Como bem aponta o autor referenciado, “[...] todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos” (p. 25).

Em face dos argumentados apresentados e discutidos, cabe aqui ratificar que os professores de língua portuguesa precisam trabalhar com as variações linguísticas em suas aulas, com o intuito de que os estudantes compreendam o denominado padrão linguístico e o não padrão, mas que isto não sirva de opressão para os falantes que não dominam a linguagem estritamente formal. Logo, cada sujeito tem as suas particularidades linguísticas, e elas devem ser respeitadas.

#### **2.4 Como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pensa o ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental**

Um ensino-aprendizagem de qualidade é desenvolvido através da responsabilidade e do compromisso que o professor tem pela educação, daí a importância de enfatizar que a BNCC se trata de um documento importante para a organização significativa do espaço educacional, pois nela está prescrito as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas no decorrer da educação básica. Assim, com base nesta perspectiva, vale dizer que o planejamento é uma ação indispensável para o aperfeiçoamento do fazer pedagógico.

Este tópico, nesse viés, será destinado para uma breve apresentação sobre competências, habilidades, atitudes e valores, para o ensino de língua portuguesa de acordo com a BNCC, tendo em vista o Ensino Fundamental. Dessa forma, o referido texto normativo trata-se de um “guia” para que o docente possa obter resultados satisfatórios em seu exercício profissional, e que ambas as partes sejam beneficiadas (educando e educador).

Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p. 8).

Fica evidente que o objetivo geral da BNCC é o desenvolvimento da educação de qualidade, por isso que os estudantes devem ser preparados para resolverem problemas da

sociedade, assim, é indispensável partir de um ensino contextualizado, ou seja, com ênfase nas vivências do dia a dia dos alunos (BRASIL, 2017). Em razão disso, torna-se fundamental conhecer o meio em que estes estão inseridos, pois de nada adianta organizar um “bom” plano de aula se os discentes não interagirem.

Por essa perspectiva, como bem aponta Freire (2011), o docente não pode deixar de levar em consideração as indagações, as curiosidades e as perguntas dos estudantes, pois tratam-se de questões que os permitem estabelecer relação entre as suas experiências de vida e os conteúdos estudados. Dessa forma, uma das possibilidades de transformação social, por exemplo, é quando a escola oferece espaços aos discentes para que apresentem suas visões de mundo, diante disso, o desenvolvimento da criticidade é uma característica fundamental no perfil dos alunos.

É notório, então, que o professor precisa analisar a realidade de sua sala de aula e, a partir desta observação, escolher os métodos que forem mais propícios para o ensino-aprendizagem, uma vez que, o espaço escolar é um lugar destinado para a construção do conhecimento, em que o estudante precisa desenvolver suas competências e habilidades.

Com isso, a BNCC traz que o ensino de Língua Portuguesa deve “[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2017, p. 67-68). Assim, é imprescindível que os discentes sejam sujeitos autônomos, críticos, argumentativos, criativos e que tenham a capacidade de resolver problemas complexos.

Para isso, a BNCC criou 10 competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, enfatizando o quão a língua e a linguagem são mecanismos importantes para a sociedade e que, por este motivo, se faz necessário o uso consciente (quadro 1).

**Quadro 1** – Competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental.

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.)
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

**Fonte:** BNCC. Brasil (2017, p. 87).

Neste quadro, pode-se perceber que o componente língua portuguesa, trata-se de uma disciplina imprescindível, não só no âmbito da educação escolar, uma vez que, os ensinamentos curriculares precisam transcender os muros da escola. Diante disso, tais competências evidenciam a indispensabilidade dos discentes serem inseridos em práticas de linguagens, para que, assim, possam saber se portar diante das necessidades comunicativas.

Daí a importância de enfatizar acerca da aplicabilidade da Sequência Didática (SD) no âmbito escolar, pois ela diz respeito a uma ferramenta capaz de tornar possível esse aperfeiçoamento linguístico, visto que trata de “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Além disso, Araújo (2013, p. 323) acrescenta que a Sequência Didática “[...] é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais”. Portanto, fica evidente que ela deve ser pensada de forma metodológica, com ênfase no aperfeiçoamento cognitivo e intelectual dos alunos.

É correto afirmar, dessa forma, que a didática do docente tem grande influência no desenvolvimento das competências e habilidades dos estudantes, por isso que se torna necessário analisar estratégias eficazes para que os discentes possam usufruir de uma boa educação. Portanto, é imprescindível, ter em vista, que a sala de aula é um lugar privilegiado para a construção do conhecimento, e que o professor é o responsável por esta mediação.

Com relação a SD, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) trazem que ela é dividida em apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final. Logo, vale destacar que são fases as quais devem ser pensadas sistematicamente, com vista a valorizar e desenvolver os saberes dos discentes (cognitivo, sociocultural, afetivo, identitário e dentre outros). Ademais, ainda na opinião dos autores referenciados, a construção de uma

sequência didática deve partir de algum gênero, pois, assim, os alunos tornam-se protagonistas das diversas práticas de linguagem.

A apresentação da situação concerne a escolha dos saberes pertinentes para serem desenvolvidos, nesta fase o aluno deve ter o primeiro contato com o assunto que será trabalhado, pode ser através de um texto, de uma música e de uma poesia, desde que a problemática esteja em evidência. Assim, o professor deve analisar temas que são importantes para a formação dos discentes e, em seguida, aconselha-se escolher um gênero para contextualizar tal temática. Percebe-se, então, a relevância de selecionar informações que chamem a atenção dos alunos.

A produção inicial é o momento de os estudantes fazerem uma avaliação diagnóstica, para que o docente analise o grau de informações que os estudantes têm sobre o assunto. Ou seja, esta etapa tem como intuito valorizar os conhecimentos prévios, já que isto é imprescindível para o desenvolvimento cognitivo, pois a informação nova só tem sentido se for assimilada ao conhecimento antigo.

A construção dos módulos ou oficinas é flexível, isto é, o professor tem autonomia para modificá-los caso os objetivos não estejam sendo alcançados, também tem a flexibilidade de escolher a quantidade dos planos de aula. Esta é a fase de executar as propostas planejadas, e, para cada atividade, é necessário trazer algo novo, seja no que diz respeito ao conteúdo ou a metodologia. Deve-se priorizar o método ativo, estimar o tempo das tarefas e levar em consideração a interdisciplinaridade.

E, por sua vez, a produção final tem a ver com a etapa em que o docente avaliará se os objetivos foram ou não alcançados, por isso ele precisa pensar em técnicas de avaliação, até porque não tem sentido aplicar uma determinada atividade e não analisar os resultados obtidos, esta avaliação pode ser feita, por exemplo, através de uma produção textual. Daí a importância de refletir sobre sua prática docente, a fim de aperfeiçoar o seu exercício profissional e, assim, contribuir para uma educação de qualidade.

Diante dos argumentos apresentados, fica evidente que a aula de língua portuguesa deve ser um espaço destinado para ampliar, por exemplo, a bagagem linguística e intelectual do aluno, por isso que todo e qualquer conteúdo precisa ser problematizado, a fim de que, realmente, o ensino seja significativo e agregue valores na vida do aluno. Logo, defende-se a ideia da construção de sequências didáticas em torno dos princípios educacionais da BNCC, com o intuito de que o estudante seja o protagonista na educação, capaz de solucionar problemas e, assim, exercer seu papel na sociedade.

## 3 MARCO METODOLÓGICO

De acordo com a discussão realizada até então, pode-se afirmar que o trabalho com a literatura local é de extrema relevância nas aulas de língua portuguesa, visto sua contribuição para o ensino-aprendizagem. Assim, a razão desse capítulo é explicar o que está sendo pesquisado e o porquê desse trabalho, ou seja, qual a sua relevância, além de evidenciar os métodos científicos aplicados.

### 3.1 Quem foi Aristides Fraga Lima?

Falar sobre o escritor Aristides Fraga Lima é um assunto que merece destaque, principalmente pelo valor de suas obras, já que elas têm uma singularidade inigualável, mesmo sem o reconhecimento da literatura clássica. Este estudioso nasceu dia 02 de julho de 1923, na cidade de Paripiranga-BA e, desde muito pequeno, sempre sonhou em ser literato, “[...] aos cinco anos de idade, quando era alfabetizado, disse aos pais uma frase, que, no decorrer do tempo, ficou sendo lembrada: “Um dia vou ser escritor” (LIMA, 1993, p. 3).

Aristides Fraga Lima tem a formação em Letras Neolatinas e em Ciências Jurídicas e Sociais, formou-se pela Faculdade de Filosofia e Direito, da Universidade Federal da Bahia, mas ele sempre foi encantado pela vida do campo, provavelmente este deve ter sido um dos motivos pelo qual produziu obras plausíveis sobre sua cidade natal, por exemplo. Em sua infância, “lidar com animais, caçar e pescar, fazer armadilhas para pegar passarinhos e outros animais, eram suas ocupações prediletas nos matos e nos rios – o seu mundo de aventuras” (LIMA, 1993, p. 3).

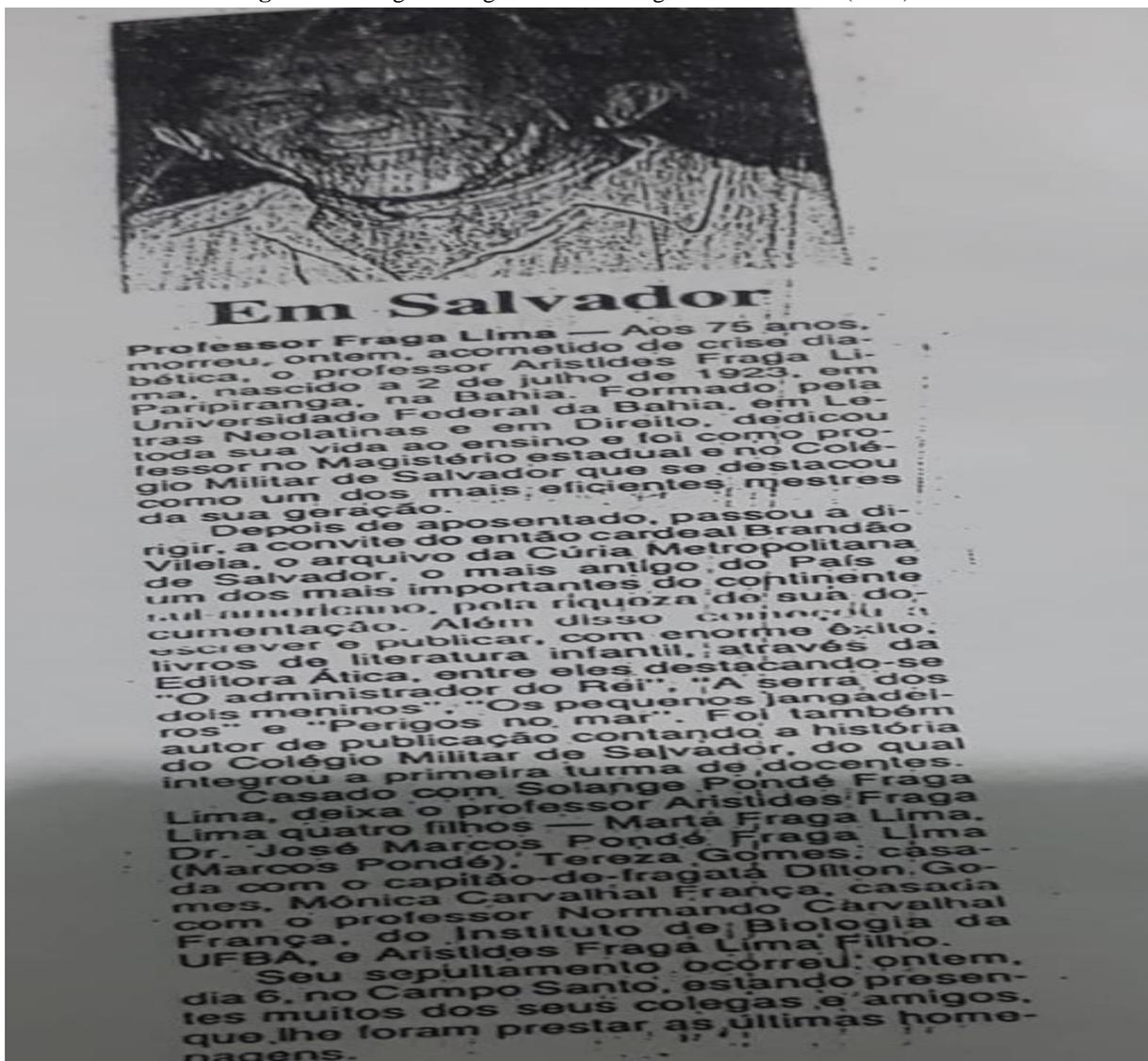
Fica evidente, então, a sua paixão pelo que é simples, por aquilo que é da natureza, “a vida de menino da roça fez dele um amante da natureza e um profundo conhecedor dos animais e das coisas do campo. Lá viveu quase como índio, da caça e da pesca, plenamente integrado à natureza” (LIMA, 1993, p. 3). É notório, diante disso, o quão a vida do sertanejo nordestino fazia parte de sua essência, visto sua paixão pela vida do campo, mas isto não o impediu de alcançar uma formação de nível superior.

Ao total, Aristides Fraga Lima produziu dez obras de caráter infantojuvenil, sendo elas: “O louco da gruta”, “Os pequenos jangadeiros”, “Perigos no mar”, “O menino e o jegue”, “Vida e obra de D. Avelar Cardeal”, “O filho do caminhoneiro”, “Mané Tomé o Liberto”, “O

administrador do rei”, “Os barqueiros do São Francisco” e, por fim, mas não menos importante, “A serra dos dois meninos”. Assim, é perceptível a quantidade de literaturas de um autor local que podem ser trabalhadas nas aulas de língua portuguesa, especialmente a última citada, já que aborda com mais precisão os elementos de sua terra natal.

Aristides Fraga Lima foi casado com Solange Pondé Fraga e teve quatro filhos, Marta Fraga Lima, Dr. José Marcos Pondé Fraga, Tereza Gomes e Mônica Carvalho França. Morreu no dia 06 de maio de 1996, aos 75 anos, em consequência a uma crise diabética, conforme mostra as informações da imagem abaixo.

**Figura 1** – Imagem fotografada da monografia de Pimentel (2004).



**Fonte:** Monografia de Esileide Santa Rosa Pimentel, disponível na Biblioteca Física do Centro Universitário AGES – Campus de Paripiranga (BA).

Portanto, com base no que foi exposto até então, supõe-se que o legado que Aristides Fraga Lima deixou foi o de mostrar o quanto a vida no campo se faz importante na vida do sertanejo e o quanto a infância é um momento que deixa “marcas” futuras, pois suas obras retratam a realidade de tal época, do quanto ele era feliz, vivendo determinadas aventuras. E a literatura tem essa função de eternizar momentos, de fugir da realidade ao mesmo tempo em que se aproxima dela, por isso que o trabalho em questão objetiva valorizar a literatura local, a partir da obra “A Serra dos Dois Meninos”.

### 3.2 O porquê da escolha da obra “A Serra dos Dois Meninos”

**Figura 2** – Capa do livro “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.



**Fonte:** Eloidemar Guilherme (2016)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> GUILHERME, E. **A Serra dos Dois Meninos** - Aristides Fraga Lima. 18 de dezembro de 2016. [site]. Disponível em: <https://eloidemar.blogspot.com/2016/12/a-serra-dos-dois-meninos-aristides.html>. Acesso em: 03 de jul. 2021.

O trabalho com a literatura nas aulas de língua portuguesa, sem dúvida, é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento crítico, reflexivo e cognitivo do aluno, em razão disso, pode-se perceber tamanha relevância das obras literárias. Contudo, cabe aqui ressaltar em torno da imprescindibilidade da literatura local, uma vez que, possibilitará ao estudante conhecer elementos de sua localidade até então desconhecidos, ou aperfeiçoar tais conhecimentos, de forma a aprimorar sua bagagem cultural.

Tais afirmações explicam a escolha da obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, uma vez que, ela aborda fatos importantes da cidade de Paripiranga-BA, principalmente no que diz respeito a assuntos culturais, como a “feira verde”, já que é algo ainda muito presente na localidade, além da “Serra do Capitão”, mais conhecida pelos habitantes paripiranguenses como “Ponta da Serra”. Diante das informações apresentadas, esse trabalho se debruça em analisar a importância da obra referenciada para o ensino de língua portuguesa, enfatizando a relevância da literatura local.

Dessa forma, é perceptível a imprescindibilidade de os estudantes serem inseridos em contextos de aula significativos, de forma que eles consigam relacionar conteúdos curriculares com os extracurriculares, uma vez que, a sociedade exige sujeitos capazes de contribuir para a sua comunidade. Assim, a literatura é uma ferramenta crucial para desenvolver habilidades que são essenciais para o sujeito do século XXI, como a criticidade, capacidade de análise, interpretação textual, resolução de problemas, criatividade etc.

### **3.3 Considerações metodológicas**

Como bem aponta Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa científica tem como objetivo encontrar respostas para os problemas da sociedade por meio de métodos sistematizados. Ou seja, todo trabalho científico precisa ser planejado e desenvolvido de forma procedimental, a fim de que seus resultados tenham credibilidade. Logo, pesquisar cientificamente trata de uma tarefa complexa, uma vez que, os sujeitos devem ser comprometidos com aquilo que está pesquisando, e, sobretudo, é imprescindível ser pesquisadores que respeitem a ética da pesquisa científica.

Nesse sentido, o ponto de vista da natureza desse trabalho é aplicado, haja vista que o mesmo pretende obter conhecimentos específicos para a resolução dos problemas de uma determinada realidade, já que será analisado a importância da literatura local para o ensino de língua portuguesa na educação básica, a partir da obra “A Serra dos Dois Meninos”. Nota-se que a pesquisa aplicada “[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidas à

solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOVE; FREITAS, 2013, p. 51).

No que diz respeito ao ponto de vista da forma de abordagem, vale dizer que é qualitativo, pois pretende-se analisar os dados de forma significativa, sem a necessidade de classificar os resultados estatisticamente. Quer dizer que a pesquisa qualitativa tem como finalidade compreender os fenômenos encontrados e atribuí-los significados, não existindo a precisão em quantificar os dados obtidos.

Do ponto de vista de seus objetivos, fica evidente que trata de uma pesquisa descritiva, já que a finalidade é analisar, interpretar e explicar a importância da obra “A Serra dos Dois Meninos” para o ensino de português. Isto é, “nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador” (PRODANOVE; FREITAS, 2013, p. 52).

Com relação aos procedimentos técnicos adotados, vale dizer que será o próprio livro, “A Serra dos Dois Meninos”, assim, fica evidente, então, que será uma pesquisa documental, já que a obra ainda não foi analisada com esse propósito de ensino-aprendizagem. Diante disso, “[...] a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008 apud PRODANOVE; FREITAS, 2013, p. 55).

Portanto, essas considerações metodológicas apresentadas, fazem-se indispensáveis para que se possa entender a contribuição científica do trabalho em estudo. Daí a importância de ressaltar que a presente monografia é de relevância social e científica, já que além da construção do conhecimento científico, também servirá para os profissionais de educação, especialmente da rede municipal de Paripiranga-BA, já que a obra analisada trata de uma literatura local.

## 4 MARCO ANALÍTICO

Esse capítulo tem como intuito primordial evidenciar os resultados encontrados no que diz respeito a análise realizada da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, com base nos saberes que podem ser ensinados no componente curricular de língua portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, alguns dos conteúdos de destaques, são: variação linguística, elementos da narrativa e subsídios da cultura local, além de mencionar sua importância no aperfeiçoamento da leitura e escrita.

### **4.1 “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima: análises e contribuições para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, com ênfase na importância da literatura local**

A obra em análise, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, escritor paripiranguense, trata de um trabalho de caráter infantojuvenil, mais especificamente para jovens adolescentes, visto que o foco do livro não é apenas em torno de imagens e fotos, mas sim a atenção maior versa sobre os textos verbais, assim, essa leitura para uma criança pode ser cansativa e até desmotivante. Por isso a importância de seu público-alvo ser alunos do Ensino Fundamental anos finais, pois eles já têm maturidade para ler e compreender o enredo.

A obra é subdividida em 24 capítulos curtos, sendo eles: “A viagem”, “A fazenda Gravata”, “A pega do gado”, “O mistério da caatinga”, “A serra do capitão”, “A ferra do gado”, “O show”, “Armadilhas”, “O pai do mato e Alexandre”, “Os preparativos”, “Na serra do capitão”, “Perdidos”, “A primeira refeição”, “Descansando”, “Noite terrível”, “Churrasco”, “A busca”, “Dia de juízo”, “Vestígios”, “Na pista dos meninos”, “A onça criminosa”, “Rumo à fazenda”, “Uma passagem bíblica” e “Epílogo”. Fica evidente, nesse sentido, que por se tratar de uma obra pequena, torna-se mais fácil de fazer com que o discente a leia até o final.

Pode-se afirmar, portanto, que essa obra trata-se de um conto, visto que sua narrativa não é muito extensa, além de apresentar, em sua estrutura, introdução, desenvolvimento, clímax, espaço, tempo, personagens e diálogo, para mais, vale dizer que o foco narrativo é em 3º pessoa, uma vez que, o narrador da história não participa dos acontecimentos. Dessa forma, é possível perceber que a construção de um conto de qualidade não é um trabalho tão simples, pois, de acordo com Cortázar (1993) apud Porto (2016, p. 115), o conto deve “[...] motivar o leitor a acompanhar a narrativa desde as suas primeiras palavras”.

Ainda na opinião do autor supracitado, as principais características do conto deve ser intensidade e tensão, logo estas particularidades estão presentes na obra em debate, principalmente quando os personagens principais, Ricardo e Maneca, se aventuram nas serras próximas a fazenda de seus pais, fazenda Gravatá, e logo em seguida se perdem. Em razão disso, provavelmente, que o nome da obra é: “A Serra dos Dois Meninos”, porém, sem uma leitura antes, torna-se difícil entender o sentido do tema, assim, o tema “deve receber tratamento artístico individualizado, que não garante o sentido completo do conto” (CORTÁZAR, 1993 apud PORTO, 2016, p. 115).

Nesse sentido, a obra começa com a família do senhor Domingo e dona Mariana, pais dos meninos citados acima, saindo de Salvador em direção a Adustina (localidade próxima a cidade de Paripiranga) com o intuito de aproveitar suas férias, “A família vivia naquela atmosfera de apreensão que caracteriza o fim do ano, em todas as grandes famílias que vivem nas grandes cidades: o resultado do ano letivo dos filhos, os festejos natalinos, o programa das férias para todos” (LIMA, 1993, p. 6). Logo, já pode-se observar, neste trecho, traços culturais, uma vez que, esse costume de passar as férias na cidade natal ainda é perceptível tanto na cidade de Paripiranga como na de Adustina<sup>2</sup> e, como bem aponta Brasil (2017), faz-se necessário que o aluno valorize as vivências culturais.

Saíram de Salvador às cinco horas da manhã. Nove pessoas e os mantimentos carregavam o jipe: os pais – Domingos e Mariana; o estudante de engenharia. Alfredo; as três moças – de apelido Pepe, Iaiá e Quito; os dois garotos ginásianos – Ricardo e Maneca; e Joana, a cozinheira (LIMA, 1993, p. 6).

Outro ponto importante referente a cultura paripiranguense é a feira da cidade (figura 3), que, inclusive, foi citada na obra por Lima (1993, p. 6), “chegaram em Paripiranga pouco mais de dez horas da manhã. Era uma sexta-feira, “dia-de-feira”, naquela cidade. Aproveitaram para comprar boa carne de boi no mercado, que levariam para [...] fazer uma boa carne-de-sol”. Assim, esta feira acontece até os dias de hoje, e é referência na região, o que facilita o interesse dos estudantes em aprimorar suas habilidades leitoras, pois “a leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, à formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma” (KRUG, 2015, p. 1).

---

<sup>2</sup> O município de Adustina (BA) era distrito da cidade de Paripiranga (BA).

**Figura 3** – Imagem da antiga feira livre retratada na obra “A Serra dos Dois Meninos”.



**Fonte:** Disponível no laboratório de História do Centro Universitário AGES – Campus de Paripiranga (BA).

Além disso, no trecho analisado anteriormente, pode-se notar uma comida típica da culinária paripiranguense: a carne de sol, em outras páginas do livro também percebe-se muitas outras, como: “pirão de carne-verde” (p. 10), “cusuz” (p. 14), “requeijão feito em casa” (p. 14), “leite natural” (p. 14), “beijus com leite” (p. 14), “fatada” (p. 31), “farinha com rapadura” (p. 50) etc. Quer dizer que o livro em si, como já mencionado anteriormente, permite que o professor se debruce em torno de muitas temáticas, daí a relevância de trabalhar com Sequência Didática, uma vez que, este recurso didático possibilita o desenvolvimento de um ensino contextualizado.

É válido mencionar, nesse ponto de vista, que a construção de uma sequência didática, tendo como base a obra em análise, é crucial para o desenvolvimento cognitivo do aluno, pois o livro poderá ser capaz, por exemplo, de aperfeiçoar suas habilidades leitoras e escritoras. Em outras palavras, “A Serra dos Dois Meninos”, por ser tratar de um autor local, pode motivar o estudante na criação de produções textuais, mostrando que ele também é capaz de ser um escritor, além disso, o livro é passível de chamar a atenção do discente no que diz respeito a realizar a leitura, já que os elementos narrados fazem parte de sua cidade (Paripiranga-BA) e da cidade circunvizinha (Adustina-BA).

Cabe aqui ressaltar, que a SD, citado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é uma maneira de, realmente, desenvolver um ensino significativo, já que é uma possibilidade de sistematizar e contextualizar os conteúdos/saberes a serem trabalhados. Quer dizer que os discentes, de certo, terão uma aprendizagem de qualidade, principalmente se tratando de

assuntos referentes a sua localidade, como é o caso de levar em consideração, nas aulas de língua portuguesa, a obra, “A Serra dos Dois Meninos”.

Em linhas gerais, é correto afirmar que essa obra retrata a vida do sertanejo, e, mesmo a sociedade passando por mudanças, devido a globalização, mas a essência do homem nordestino permanece, talvez não igual, porém as histórias contadas pelos seus antepassados permitem a cultivação de tais traços culturais. Assim, a exemplo disto, a geração mais nova, que vive no campo e na cidade de Paripiranga-BA, é acostumada a ouvir de seus pais ou avós, provavelmente, relatos do tipo:

O vaqueiro não tem hora para dormir nem comer. Sai de manhã, chega de noite. Come a hora que pode; dorme quando tem tempo. O boi é a sua vida. O seu relógio é o sol; seu divertimento é o seu trabalho. Seu lugar de recreio é o curral. Sua cadeira é a sela. Seu companheiro de trabalho é o cavalo. Sua ajuda é a de Deus. Deus é que é a nossa Valença nessa vida. A Virgem Santíssima é a nossa guarda (LIMA, 1993, p. 25-26).

Esse trecho foi retirado da obra “A Serra dos Dois Meninos” com a finalidade de mostrar que este trabalho, de Aristides Fraga Lima, carrega consigo saberes fundamentais à formação do sujeito paripiranguense, e que, em razão disto, não deve ser deixado de lado nas aulas de língua portuguesa. Portanto, cabe aqui ressaltar acerca da pertinência dos estudantes ter contato com a literatura local, pois é possível conhecer elementos importantes de sua comunidade, mas isto não tira o valor das literaturas nacionais, ambas são imprescindíveis para a formação do indivíduo.

Outrossim, além da vida de vaqueiro, na obra também é abordada a vida de caçador, e os personagens Zé Pequeno e Alexandre foram quem melhor representaram esta forma de sobrevivência e de entretenimento. Então, é válido mencionar que muitos alunos podem se identificar com tais questões: no sentido de conhecer pessoas que vivem da caça, assim como Zé Pequeno, pois ele “caçava para comer e para vender” (p. 50), ou podem conhecer pessoas que caçam por hobby, assim como Alexandre, “não vivia, porém, da caça: caçava por esporte” (p. 51).

Diante disso, é perceptível que a obra em questão de Aristides Fraga Lima, é um recurso pedagógico pertinente para o ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa nos anos finais, pois ela contribui, por exemplo, para ampliar os conhecimentos culturais dos estudantes. Assim, a literatura possibilita a discussão em torno de muitas temáticas, seja elas identitárias, cognitivas e até em nível linguístico, como mostra no item a seguir.

#### 4.1.1 A presença da variação linguística na obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima

É importante deixar claro que o livro em análise não interessa apenas às instituições de ensino do município de Paripiranga-BA ou as suas cidades circunvizinhas, muito pelo contrário, pois a obra é rica em elementos linguísticos que é de interesse de toda e qualquer comunidade escolar, a exemplo disso vale salientar que o livro, “A Serra dos Dois Meninos”, tem diversas palavras denominadas como variações linguísticas. Vejamos alguns exemplos retirados da obra no quadro abaixo.

**Quadro 2** – Variações linguísticas na obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.

Trecho da obra	Variação linguística	Adequação linguística
“– Cumpade Nicolau, – respondeu o interpelado [...]” (p. 16)	“Cumpadre”	“– Compadre Nicolau, – respondeu o interpelado [...]”
“– Pois não, Seu João. Nós somo os mais velhos, nos entendemo.” (p. 16)	“Somo” e “Entendemo”	“– Pois não, Seu João. Nós somos os mais velhos, nos entendemos.”
“– Então venha pra cá de noite que eu conto umas histórias dos mato.” (p. 21)	“Mato”	“– Então venha pra cá de noite que eu conto umas histórias dos matos.”
“– Nicolau, chame os home.” (p. 22)	“Home”	“– Nicolau, chame os homens.”
“– Os espinho são os piores do mundo; rompem inté os couro que a gente tá vestido.” (p. 24)	“Espinho”, “Inté”, “Couro” e “Tá”	“– Os espinhos são os piores do mundo; rompem até os couros que a gente está vestido.”
“– Até amanhã. Obrigados por hoje.” (p. 26)	“Obrigados”	“– Até amanhã. Obrigado por hoje.”

Fonte: Criação da autora (produzida em 2021).

Diante deste quadro, é possível perceber que a variação linguística que mais se destaca na obra é a variação de nível social, visto que tais expressões foram pronunciadas pelos personagens que fazem o papel de empregados na fazenda do Senhor Domingos. E, tendo em vista o raciocínio de Görski e Coelho (2009, p. 77), “essa variação (também conhecida como variação diastrática) está relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural da comunidade”.

Nesse sentido, após a afirmação dos autores citados, é possível perceber na obra essa hierarquia linguística, por exemplo, a presença das variações é mais visível nos primeiros capítulos, principalmente na fala dos vaqueiros que trabalham para o senhor Domingos. Já nos capítulos seguintes, devido ao enredo envolver mais as aventuras dos personagens, Ricardo e Maneca, filhos de Domingos e Mariana que são os donos da fazenda Gravatá, a ocorrência destas variações é mais reduzida, pois a linguagem de ambos se aproxima da gramática normativa, provavelmente por terem tido maiores condições financeiras. Assim, em

consonância com Görski e Coelho (2009), o grau de escolarização influencia, sim, na linguagem dos falantes. Vejamos com mais detalhes, no quadro abaixo, as falas dos personagens com relação a esta problemática.

**Quadro 3** – Nível da fala observado nos discursos dos personagens da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.

Personagem	Fala	Nível linguístico
Senhor Domingos (patrão dos vaqueiros)	“– Eu não lhes anunciei que era uma novidade? Depois vocês terão oportunidade de entrar no mato e verificar com os próprios olhos que não há tecido de roupa que resista aos espinhos. Vaqueiro só pode trabalhar aqui encourado, isto é, vestido de calça e paletó, colete, luvas e chapéu – tudo feito de couro...” (p. 16)	Formal, pois não se nota inadequação linguística.
Nicolau (vaqueiro)	“– Que é que vosmecês acha, pessoal, querem almoçar?” (p. 22)	Informal, pois nota-se inadequação linguística: a palavra “acha” deveria concordar em número com a expressão “vosmecês”.
Pedro Damasceno (vaqueiro)	“– Os mato é misterioso. Tem coisa ruim e coisa boa. Os mandacaru têm os espinho mais terríveis do mundo; mas têm fruta vermelha que a gente come.” (p. 26)	Informal, pois nota-se inadequação linguística: a expressão “mato é misterioso” deveria concordar em número com o artigo “os”, bem como o termo “mandacaru” e “espinho”.
Ricardo (filho de Domingos)	“– E eu sou Ricardo. Nós aqui estamos para conversar com vocês. Sabemos que vocês têm muita coisa para nos contar. E nós queremos aprender muito sobre os matos.” (p. 52)	Formal, pois não se nota inadequação linguística.

**Fonte:** Criação da autora (produzida em 2021).

É correto afirmar, diante disso, que com a leitura da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, o professor poderá ensinar aos seus alunos que a língua portuguesa, ou qualquer outra, é mutável e heterogênea, por isso a existência das variações, assim como da mudança linguística, pois, como se sabe, a palavra “você”, por exemplo, passou por diversas alterações, como: vossa mercê > mercê > vosmecê > você. Daí a relevância de desenvolver nos alunos, o que Bagno e Rangel (2005) chamam de educação linguística, isto é, os discentes precisam ser capazes de conhecer os fenômenos de sua língua materna, a fim de ser tolerantes às variações linguísticas, pois, se for analisar, até a gramática normativa trata-se de uma variante.

A obra em análise, portanto, permite ao professor trabalhar em torno da mudança linguística, visto que a presença do vocábulo “vosmecê” é constante na obra, devido ao contexto histórico em que o livro foi publicado, no entanto, ainda assim, a família de seu Domingos utilizava sempre a expressão “você”, talvez pelo fato de viverem em cidade grande, em que o

índice de globalização era maior. Dessa forma, a obra oportunizará ao docente discutir tanto sobre as variações como sobre as mudanças linguísticas.

Com isso, vale destacar que uma das competências específicas para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, de acordo com a BNCC, é: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 87). É visível, pois, que a obra em estudo possibilita a contextualização em torno de diversos assuntos, seja de caráter cognitivo, cultural, afetivo.

Os quadros expostos acima (quadro 2 e 3), ademais, trazem alguns exemplos de expressões da obra que podem auxiliar no ensino da concordância, por exemplo, além do estudante refletir sobre as variações linguísticas, também será possível se atentar a esta questão gramatical, até porque em uma conversa formal, especialmente se tratando de diálogos escritos, o falante precisa se adequar linguisticamente. Assim, os recortes da obra são boas ferramentas para desenvolver esta consciência nos alunos, eles podem reescrever os trechos conforme rege a gramática normativa, tendo em vista que isto não é para “corrigir” o autor da obra, em razão da identidade estilística, pois o texto literário permite esse “brincar com as palavras”.

Cabe ressaltar, sendo assim, que o termo “estilística” está diretamente relacionado com a palavra “estilo”. Dessa forma, em concordância com Henriques (2018), estilo quer dizer escolha linguística, isto é, esta afirmação não deve ser associada ao desvio da norma culta, ou melhor dizendo, estilo é o erro linguístico cometido com intencionalidade. Diante disso, nota-se que a estilística possibilita esse jogo com os itens lexicais, morfológicos, sintáticos e dentre outros, por isso o aluno não deve acreditar que está revisando os “erros” da obra do Aristides.

Destarte, pode-se observar que a obra referenciada possibilita o ensino-aprendizagem acerca das variações linguísticas, e que este conteúdo favorece para discussões sobre a mudança linguística, adequação linguística e até mesmo sobre o estilo linguístico nas produções textuais. Logo, para a obtenção de maiores resultados, salienta-se para o desenvolvimento de sequência didática, pois este recurso promove um ensino organizado, sistematizado, contextualizado e significativo, basta o comprometimento do professor.

#### **4.1.2 O ensino dos elementos da narrativa a partir da obra “A Serra dos Dois Meninos” de Aristides Fraga Lima**

Além do mais, outro ponto que merece destaque diz respeito ao ensino acerca dos elementos da narrativa, pois torna-se indispensável que a exposição de qualquer conteúdo seja

dialogada de forma teórica e prática. Ou melhor dizendo, não adianta o estudante saber apenas o conceito do que é personagem, enredo, clímax, desfecho, tempo e espaço, se não for capaz de identificar estes elementos dentro da própria história.

Por esse ângulo, exemplificando, a obra em análise, como já mencionado, se encaixa na estrutura do gênero textual conto, no entanto, pode-se perguntar, mas por quê? Daí a importância de frisar que é pelo fato de a história não ser muito longa, além de se basear em fatos cotidianos de uma determinada sociedade, apresentar introdução, desenvolvimento, clímax, conclusão e sobretudo, por prender a atenção do leitor. Assim, o aluno deve conhecer a parte teórica de determinado assunto, posteriormente saber colocar em prática o que ele estudou, independentemente, da obra ou abordagem de estudo.

Contudo, tendo em vista a utilização dessa obra, sugere-se que o docente desenvolva propostas de atividades voltadas, por exemplo, para a análise do livro, ou seja, por que não propor ao discente a identificação dos elementos que estão na obra, que compõe a estrutura do gênero textual conto? Assim, fica evidente que a obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, também é frutífera para o ensino dos elementos da narrativa, o que fica evidenciado no quadro a seguir, a partir da resenha desta obra.

**Quadro 4** – Resenha da obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima.

<b>Informações sobre a obra</b>	
<b>Nome da obra</b>	“A Serra dos Dois Meninos”
<b>Autor da obra</b>	Aristides Fraga Lima
<b>Ano de publicação</b>	1993
<b>Gênero textual</b>	Conto
<b>Público-alvo</b>	Jovens adolescentes
<b>Resenha da obra</b>	
<b>Introdução</b>	<p>A história começa com a família do senhor Domingos saindo de Salvador em destino a sua terra natal, a fim de passar as férias em sua fazenda (fazenda Gravatá). Viajaram logo cedo, às cinco horas da manhã, em um jipe, ao todo, o automóvel transportava nove pessoas: seu Domingos e dona Mariana (pais de Ricardo, Maneca e Alfredo), Alfredo, três moças (Pepe, Iaiá e Quito), Joana (a cozinheira), Ricardo e Maneca.</p> <p>O carro da família era um jipe inglês em que o pai já fora à fazenda várias vezes, levando trastes e coisas para a casa, preparando-a para recebê-los em férias. Na viagem que agora programavam só poderia levar as pessoas da casa e os mantimentos de cozinha; não haveria lugar para mais nada. (p. 6)</p> <p>Antes de chegar na casa, os meninos já puderam observar um pouco das serras e, evidentemente, ficaram encantados com sua altura e beleza. Chegando em seu destino final, no dia seguinte, seu Domingos apresentou aos seus filhos a casa de Aurélio (vaqueiro auxiliar) e a casa de Nicolau (vaqueiro principal), mas a atenção principal de Ricardo e Maneca era com as serras, pois logo conversaram entre si, marcando de aventurar-se nelas.</p> <p>– Qual é a sua idéia, Ricardo?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Penso que é a mesma que a sua: vamos subir a serra...</li> <li>– É a minha idéia.</li> <li>– Então, silêncio. Ninguém deve saber de nada.</li> <li>– Certo – concordou o outro. (p. 13)</li> </ul>
<b>Desenvolvimento</b>	<p>No dia seguinte, todos se preparavam para a “pega” do gado, festa que acontecia toda vez que alguém comprava uma fazenda, para tanto os vaqueiros correm com os cavalos atrás dos gados, com o objetivo de marcar todos eles com um ferro quente, podendo ser em um único dia ou não, dependendo da quantidade de animais, tudo isto para comprovar que o gado tem dono.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Quando se compra uma fazenda – explicou o pai – um dos primeiros trabalhos, depois de se passar a escritura, é testemunhar que se é dono do gado. Para isto, pegamos todo o gado e marcamos, cabeça por cabeça, com o nosso próprio “ferro”. (p. 10)</li> </ul> <p>Mesmo com toda essa novidade, Ricardo e Maneca não esquecem das serras: Serra do Capitão, Serra do Meio e Serra do Gravatá.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Ricardo, você já pensou naquelas serras?</li> <li>– Garanto que você está tendo os mesmos pensamentos que eu, Maneca.</li> <li>– Olha, rapaz!</li> </ul> <p>E se ergueu, a meio-busto, da rede, mostrando ao outro.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Deve ser um espetáculo! Que altura! – comentou o outro.</li> <li>– Já pensou a gente subir ali?</li> <li>– É... mas faz medo...</li> <li>– Desde que meu pai me mostrou as serras que eu fiquei doido para ir lá. Eu acho que é uma maravilha!</li> <li>– Deve ser, Maneca. Vamos pensar mais no assunto.</li> <li>– Mas é segredo. Só nós dois!</li> <li>– Sim. Deixaremos passar mais uns dias. Por enquanto vamos descansar que de noite eu quero conversar com os vaqueiros.</li> <li>– Eu também. Estou doido para saber da vida deles nos matos. Dizem que os matos têm muito mistério.</li> <li>– Dizem; eu também quero saber desses mistérios. (p. 18)</li> </ul> <p>Assim que terminaram o jantar, não demorou muito para os meninos irem em direção a casa de Nicolau, ao encontro de Pedro Damasceno, vaqueiro que iria contar um pouco sobre os mistérios da caatinga. O que Ricardo e Maneca mais desejavam saber eram como caçar, fazer armadilhas e sobreviver nos matos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Tenham cuidado – foi a primeira recomendação de Pedro. – Tenham cuidado porque aqui tem cobra como folha de pau. E é das piores: cascavel, jibóia, caninana, jararaca... Deus livre vosmecês de encontrar com uma delas! Misericórdia! Só a jibóia não tem veneno, mas mesmo assim ela é perigosa. Uma jibóia grande é capaz de engolir um carneiro, uma cabra, um menino também! Por Nossa Senhora, vosmecês tenham cuidado! (p. 24)</li> </ul> <p>Pedro Damasceno deixou claro todos os riscos que qualquer pessoa que entrasse nos matos poderia correr, falou dos perigos dos animais, dos espinhos, mas os meninos não desistiram da ideia de se aventurar nas serras, mesmo sabendo da existência, por exemplo, de onças perigosas.</p> <p>Os garotos também tiveram interesse em saber, diante disso, como era a vida dos vaqueiros nordestinos, logo ficaram admirados com a resposta de Pedro Damasceno.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– O vaqueiro não tem hora para dormir nem comer. Sai de manhã, chega de noite. Come a hora que pode; dorme quando tem tempo. O boi é a sua vida. O seu relógio é o sol; seu divertimento é o seu</li> </ul>

trabalho. Seu lugar de recreio é o curral. Sua cadeira é a sela. Seu companheiro de trabalho é o cavalo. Sua ajuda é a de Deus. Deus é que é a nossa Valença nessa vida. A Virgem Santíssima é a nossa guarda. (p. 25-26)

Os meninos, nesse sentido, não perderam a oportunidade para saberem um pouco mais sobre as serras, por isso não hesitaram em perguntar a Pedro Damasceno sobre elas, além de querer saber o porquê do nome “A Serra do Capitão”.

– Mas quando a gente entra lá, é tudo muito diferente: as árvores são tão altas que tapam a luz do sol e a gente às vezes não enxerga nem o céu. O chão é todo cheio de subida e descida que atrapalha qualquer cristão que vai lá. Caminho não tem. E é cada escondido que dá medo! Vosmecês nem queira saber!

– E se a gente quisesse ir lá? – aventurou Ricardo.

– Nem pense uma coisa dessas, patrãozinho. Não é obra pra vosmecês.

– Mas por que se chama “Serra do Capitão”?

– Bem. É uma história muito triste, e eu não sei se é verdade ou mentira: dizem que no tempo de uma guerra chegou aqui um capitão procurando um lugar pra fazer um quartel de defesa. Subiu naquela serra e nunca mais ninguém viu ele. Dizem que depois acharam o cangaço. Certamente a onça comeu. Aí botaram o nome na serra de “Serra do Capitão”. (p. 29)

Depois de ouvir as histórias sobre os matos, chegou o momento da “ferra do gado”, ou seja, depois de pegar os gados, o próximo passo é marcá-los com um ferro quente, com as letras iniciais do fazendeiro nos animais. Assim, todos se divertiram e saboreavam a fatada, comida típica da “cozinha sertaneja”.

Todos os vaqueiros trabalhavam. A maioria deles pegava as reses uma por uma no curral grande e trazia-as para o curral pequeno, onde as derrubava no chão. Um vaqueiro controlava a porteira para não deixar o gado sair; outro ferrava: era Manuel quem manobrava o ferro; Pedro Damasceno pisava a pata cuja coxa devia receber a marca do ferro; o velho João de Cedro cuidava do fogo. Nesta distribuição de tarefas, mais de cinquenta cabeças de gado foram marcadas quando Zefinha veio avisar que o café estava na mesa. (p. 34)

Assim que anoiteceu, todos partiram para a casa do vaqueiro Nicolau, pois lá iria ter um show, a fim de aproveitarem o restante do dia, só retornaram às suas casas tarde da noite.

Um lampião a gás pendia do teto e iluminava a sala, derramando, pela porta e pelas janelas, abundante luz que se perdia no terreiro. A um canto da sala os quatro tocadores executavam modinhas, sambas, marchas e outros ritmos em seus instrumentos. Os pares de dançarinos rodopiavam no salão. (p. 41)

Durante a noite do show, Maneca e Ricardo reencontram Gérson, filho de Isac, e no dia seguinte foram procurá-lo na casa de Aurélio, a fim de aprenderem a fazer armadilhas. Por serem garotos atentos, não custou a terem resultados significativos.

[...] no outro dia ele veio ensinar os meninos a fazer a outra armadilha. Quando chegou teve a surpresa de ver que cada um estava com duas arapucas e para ele também havia duas. Os meninos tinham aprendido a fazer, e, antes que Gérson chegasse,

	<p>eles, aproveitando as varas que sobraram da véspera, puseram em prática a lição de arte que tiveram (p. 48)</p> <p>O garoto Gérson ensinou os meninos a fazerem duas armadilhas: a primeira foi a arapuca, para pegar nambu e juriti; e a segunda foi zabumba, para pegar preá. Ricardo e Maneca, portanto, obtiveram muitos aprendizados graças a este amigo.</p> <p>E assim os meninos iam juntando às lições de escotismo, aprendidas na cidade, os conhecimentos práticos que lhes administrava o filho de Isac. Com ele aprenderam também a andar nos matos e manejar o facão para abrir passagem nos lugares mais fechados da caatinga. (p. 49)</p> <p>Dias depois, seu Domingos recebeu em sua fazenda a visita ilustre de dois grandes caçadores, sendo eles: Zé Pequeno (ou como costumam chamar, “Pai do Mato”), que vivia da caça; e Alexandre, que caçava por esporte.</p> <p>Zé Pequeno vivia da caça. Caçava para comer e para vender. Seu instrumento de trabalho era tão-somente uma espingarda. Com ela abatia caças, onças, cobras grandes, tudo que lhe desse proveito ou lhe oferecesse perigo. Não andava caçando com cachorro. Ele mesmo é que procurava a caça, parecendo ter, ele próprio, o faro dos cães. (p. 50)</p> <p>O soldado Alexandre era outro tipo curioso. Alto, magro também, sério, acostumado também a dormir no mato; não vivia, porém, de caça: caçava por esporte. Tinha a aposentadoria – era soldado reformado da polícia – e era casado: vivia com a esposa e os filhos, na vila de Adustina. O entusiasmo pela caça, porém, fazia-o esquecer o aconchego do lar e interna-se pelos matos, com o amigo e compadre Zé Pequeno, por lá dormindo também dias e dias. (p. 51)</p> <p>Quem ficou muito satisfeito com essa visita foi Ricardo e Maneca, dado que Zé Pequeno e Alexandre são dois conhecedores do sertão. Dessa forma, os meninos se divertiram bastante com as histórias destes dois caçadores, sobretudo porque eles comentaram sobre as serras.</p> <p>À noite eles voltaram a falar aos meninos, contando-lhes outras histórias de cangaceiros e caçadas. Deste modo os meninos ficaram sabendo que naqueles matos, para os lados das serras havia um imbuzeiro chamado “Imbuzeiro dos Cangaceiros”; que na Serra do Meio havia uma gruta com o nome “Gruta dos Cangaceiros” onde eles costumavam dormir e esconder-se da polícia. Lá os dois caçadores estiveram inúmeras vezes, e encontraram panelas, pratos velhos esmaltados, cascas de bala e até um fuzil velho da “trempe” em que cozinhavam lá estavam ainda.” (p. 53)</p> <p>Após terem tantas informações no que diz respeito as serras, os meninos começaram a se preparar para suas aventuras nos matos, porém sem ninguém saber, nem mesmo o seu pai.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– A primeira coisa que vamos fazer é amolar nossas facas de escoteiro – afirmou Ricardo.</li> <li>– Certo – concordou Maneca. – Mas eu acho que nós devíamos levar também o facão. Você já viu como é o mato. A macambira é intransponível sem um facão.</li> <li>– É mesmo, Maneca. Vamos fazer o seguinte: eu peço o de Nicolau e você pede o de Aurélio. Emprestados, entende?</li> </ul>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>– Ótimo. Eles nos emprestam, estou certo. – Não tenho dúvidas. Vamos logo? (p. 53)</p> <p>E assim eles fizeram, foram em busca dos facões, conseguiram as facas, pegaram no armário duas rapaduras e uma boa quantidade de farinha, água, carne e sal.</p> <p>Tinham a intenção de sair pela manhã, sob o pretexto de ir olhar as arapucas, mas pensavam estar de volta ao meio-dia, ou de tarde cedo. Por isso levaria água e uma merenda. Mas, como escoteiros que pareciam demonstrar que eram, entenderam de levar também carne, sal, cordas, chapéu – o que era mais pelo prazer da aventura do que por pensar que pudessem tais coisas ser úteis naquela excursão. (p. 54)</p>
<b>Clímax</b>	<p>Assim que o dia amanheceu, Ricardo e Maneca partiram com o objetivo de realizar o grande desejo: conhecer as serras de pertinho. Desse modo, eles arquitetaram, durante a noite passada, toda a “excursão” para não serem vistos. Inicialmente, o objetivo foi de encontrar a Serra do Capitão, por isso andaram a procura.</p> <p>Viram logo de início que não era tão fácil quanto lhes pareceu. O mato, que na baixa não era tão grande, na encosta da serra era muito alto; a macambira, em geral mirada na planície, agora era soberba, verde, de um verde escuro, com palhas que ultrapassavam muito a altura de suas cabeças; cipós por toda a parte se enlaçavam dificultando a passagem, a ponto de muitas vezes fazê-los parar e examinar ao redor na busca de lugar melhor para avançarem na subida. Houve ocasiões em que não viam como sair donde estavam e tiveram de usar os facões abrindo caminho palmo a palmo, numa viagem lenta que parecia não ter progresso. (p. 57)</p> <p>Diante dessa angústia, Maneca hesitou em voltar, alegando que os pais poderiam já estarem preocupados, porém Ricardo o encorajou a não desistir, acreditando que estariam de volta, pelo menos para o jantar.</p> <p>Encorajava-os a idéia de que ninguém jamais tinha feito aquela aventura; ninguém, com os conhecimentos dele, jamais tinha ido desvendar os mistérios daquela serra estranha, tão desconhecida. Por outro lado, queriam ter a sensação do escoteiro sozinho na floresta, contando com seus recursos para sair-se bem na aventura. Por fim, animava-os ainda com a idéia de que o alto daquela serra “se avistava o mundo”, na expressão dos caçadores da região. Tudo isto os encorajava a arrostar todas as dificuldades da subida. (p. 58)</p> <p>Em seguida, não demorou muito para eles, finalmente, chegarem até a serra. Apreciaram a vista, pois, de fato, era muito bonita, além de esbarrar com um cruzeiro. Descansaram um pouco, fizeram um lanche, a fim de retornarem para casa, porém nem tudo saiu como o esperado.</p> <p>Agora o mato era simplesmente terrível: a macambira atingia-os até no rosto, rasgando-os às vezes até sangrar; o gravatá com suas serras de espinhos miúdos, rasgava-lhes os braços e as pernas; o xiquexique os assombrava de tal maneira que, quando eles o avistavam, sentiam arrepios. As cabeças-de-frade às vezes atravessavam seus sapatos de lona e iam ferir-lhes os pés. Nada disto os incomodara até agora, porque até agora os animava o espírito de aventura para o desconhecido. Nesse instante, porém,</p>

	<p>preocupados como estavam de chegar, tudo isto os incomodavam. (p. 62)</p> <p>Para piorar, Maneca e Ricardo se depararam com uma cabra comida pela metade, conseqüentemente imaginaram que quem poderia ter feito isso fosse uma onça, e que logo o animal voltaria para terminar de comer a outra parte. Já estava anoitecendo quando eles decidiram passar a noite em cima de uma árvore para se proteger da possível onça, dormiram com as pernas amarradas na árvore, para não correr o risco de caírem.</p> <p>No dia seguinte, logo pela manhã, caminharam na intenção de voltarem para a fazenda, porém eles se deram conta de que estavam perdidos, “andaram, andaram e daí a um bom espaço de tempo... estavam pela terceira vez no mesmo lugar [...]” (p. 69). Porém, ambos se confortavam.</p> <p>O outro tinha os olhos cheios de lágrima. Ricardo o confortou:  – Não se preocupe que nós sairemos daqui. Se não sairemos hoje, sairemos amanhã, depois... mas sairemos, com fé em Deus.  – Eu tenho fé em Deus, mas também acho que nós somos os únicos culpados de nosso erro...  – Sim, não há dúvida. Não nego a nossa culpa, mas Deus também não nega a sua ajuda a quem pede.  Confortados assim com bons pensamentos, avançaram em silêncio. (p. 69-70)</p> <p>Logo, perceberam que estavam na Serra do Meio, pois encontraram a “Gruta dos Cangaceiros”. Pararam para descansar, bem como para se alimentar, mas um pouco distante da gruta, devido ao mau cheiro do local. Em seguida, seguiram a procura de um bom lugar para passar a noite, “amarraram-se as pernas na árvore, como tinham feito na outra noite, abraçaram-se contentes e seguros, e deitaram-se sobre o estendal de cipós” (p. 75).</p> <p>Pouco antes de anoitecer, os garotos foram surpreendidos com um clarão que parecia fogo, rapidamente acreditaram na possibilidade de que seria um sinal de que sua família estava a sua procura, mas não tardou para ouvirem um barulho que mais parecia o rosnar de uma onça.</p> <p>O medo invadiu-lhes todo o corpo e dominava-lhes as entranhas. Não era possível dormir numa atmosfera daquela. Desistiram de ter sono e deixaram-se ficar a escutar e ouvir os miados de onças até quase o amanhecer do dia. (p. 78)</p> <p>No momento em que o dia amanheceu, os garotos saíram em direção ao “sinal” que eles haviam visto durante a noite, com o intuito de, finalmente, encontrarem o caminho de volta para casa. Durante o trajeto, encontraram o resto da carne de um veado, que provavelmente havia sido morto pela onça, aproveitaram e fizeram um churrasco.</p> <p>Com as facas fizeram dois espetos, depois enfiando neles cada um um bom pedaço de carne, vieram assá-la. Tiraram e lançaram fora os tições, espalharam um pouco as brasas e arranjaram como sobre elas colocar os churrascos. Em poucos minutos o cheiro agradável de carne assada recendia no cume da serra, evoluindo-se em tênue fumaça que o vento levava e desfazia de encontro às ramagens da caatinga. (p. 82)</p> <p>Mas, logo, ficaram apavorados com um barulho estranho, talvez de um animal, “o ruído repetiu-se e os dois se entreolharam assombrados. Sem demora, largando as capangas e os cantis, buscaram salvar-se” (p. 82).</p>
<b>Conclusão</b>	Enquanto na fazenda, todos já haviam notado o sumiço de Ricardo e Maneca, pois ninguém tinha notícias dos garotos. Zé pequeno e Alexandre foram os

primeiros a irem à procura dos meninos, já que eles entendiam mais sobre os mistérios dos matos. Mas, logo em seguida, já haviam muitos outros amigos sensibilizados nesta busca, no entanto, neste primeiro dia, todos os esforços foram em vão.

Todos que conheciam Ricardo e Maneca sentiram a dor da família de seu Domingos, principalmente pelo fato de retornarem à fazenda sem os garotos, somente Alexandre e Zé Pequeno que passaram não só o dia nessa labuta, mas permaneceram na mata durante a noite também, pois, de acordo com Isac, eles só retornariam com os meninos.

O Senhor Domingos saiu à porta e olhou, sob o telheiro do alpendre, a multidão de cavaleiros. Nem pôde conta-los. Havia mais de cinquenta. Todos tinham deixado seus afazeres, suas fazendas, suas famílias, e acorrido, incondicionalmente, ao apelo do pai desesperado. Todos tinham em mente um só objetivo: encontrar os meninos, salvá-los e entregá-los à família. (p. 88)

Na busca pelos meninos, Zé Pequeno e Alexandre decidiram se separar, para que as chances de obter sucesso fossem maiores, já que os dois conheciam muito bem as serras.

Saíram juntos a princípio, mas logo no fim da malhada combinaram:

– Vosmecê vai na direção do rio Caraíba, Seu Alexandre; depois volta no giro da Lagoa Grande; eu vou aqui pro pé da Serra do Gravatá; depois vou pelo pé da serra na direção da Serra do Capitão. Lá nós dois se encontra. Tá bem assim?

– Tá, cumpade. Onde anoitecer nós dorme e amanhã continua, tá certo? (p. 89)

Os dois caçadores combinaram, então, de se encontrarem na Serra do Capitão, além de evitar andar a noite, pois poderia perder os rastros dos meninos, caso eles tivessem passado por ali.

Zé Pequeno e Alexandre, acostumados a rastejar caititu e veado nas campinas, sabiam o que estavam fazendo, e tinham certeza de que, se os meninos tivessem passado por onde eles estavam passando, seu rastro seria descoberto. (p. 90)

Ambos andaram em direção a Serra do capitão, seguindo os rastros de Ricardo e Maneca, pois eles já imaginavam que os meninos tinham subido a serra, além das pistas que comprovavam as hipóteses. Vale dizer que o clarão que os garotos viram realmente se tratava de um aviso, seu Domingos havia acendido uma fogueira, isto explica o clarão vermelho.

Já era noite, mas, assim que o dia clareou, Zé Pequeno e Alexandre seguiram seu destino, a procura dos meninos. Mesmo diante desta triste situação, observa-se que os caçadores ficaram admirados como Ricardo e Maneca aprenderam a se virar sozinhos nas matas.

– Aqui eles descansaram, cumpade – disse Alexandre.

– Fizeram fogo, assaram carne... Olhe o espeto...

– Foi. Comeram aqui antes de continuar. Tiveram sentado nessa pedra...

– São uns menino danado! Onde é que eles aprenderam tudo isso?

– São danado mesmo, cumpade. Sabem de tudo...

– Vamos-nos embora. Os menino corre perigo. (p. 94)

Chegando próximo a “Gruta do Capitão”, ao ver o estrago que a onça fez com aquele veado, os homens imaginaram que seriam os dois meninos. Assim, com

	<p>a finalidade de vingar a morte dos garotos, Zé Pequeno e Alexandre foram atrás do animal, a fim de matá-lo.</p> <p>Alexandre ia na frente, mais cauteloso que um gato. Zé Pequeno o acompanhava de perto. Andaram assim durante uma meia hora, quando Alexandre, fazendo um sinal com a mão esquerda, levantou a espingarda com a direita e em fração de segundo mirou e atirou. Num pulo de gato saiu da frente, pois viu que a onça, atingida pelo tiro, vinha de lá para pegá-lo. Zé Pequeno já a esperava: um tiro certo no peito da fera fê-la cair pesadamente no solo, onde ficou se estrebuchando. (p. 95)</p> <p>Mas para a surpresa dos caçadores, os meninos estavam “sãos e salvos”, não demorou muito para encontrarem os garotos em cima de uma árvore, protegendo-se do tal animal que eles ouviram o barulho aterrorizador.</p> <p>Da copa de uma árvore, os meninos gritavam como loucos, no meio de um pranto de alegria que não há palavras que possam traduzir. Abraçaram-se os dois num riso convulso, os rostinhos de lágrimas, colado um ao outro. (p. 97)</p> <p>Em razão dessa grande surpresa, Zé Pequeno e Alexandre decidiram tirar o couro da onça, como forma de levarem para casa este “troféu”. Logo, o quarteto caminhou em direção a fazenda Gravatá, pois todos mereciam sanar as angústias e tristezas. Portanto, já pode-se imaginar a alegria que os amigos e a família dos garotos ficaram, “o sentimento contagiou a todos, e na malhada, transformada agora numa praça em concentração, não houve quem não chorasse” (p. 103). Assim, o último diálogo da obra é o seguinte, em homenagem aos personagens Maneca e Ricardo:</p> <p>– Vocês sabem como é o nome daquela serra que fica entre a Serra do Capitão e a Serra Gravatá?  – Serra do Meio! – respondeu, exclamando, Maneca.  – Errou. O povo já mudou o nome – disse damasceno. – Todo mundo só chama agora “Serra dos Dois Menino”. (p. 110)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Criação da autora (produzida em 2021).

Diante dessa resenha literária, e em consonância com Gancho (2004, p. 9), a introdução, como o próprio nome já diz, é “a apresentação do fato inicial”, o desenvolvimento se refere “as complicações ou o desenvolvimento do fato inicial”, o clímax é “o ponto culminante da história [...]” e a conclusão “é como termina a história”. Assim, é correto ratificar que a obra, “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima, trata-se de uma ferramenta que, além de valorizar a literatura local, com ênfase em questões culturais, também possibilita o desenvolvimento do saber cognitivo, com o ensino dos elementos da narrativa, no sentido de identificá-los no texto.

Diante do exposto, vale reafirmar sobre a imprescindibilidade de se trabalhar com a sequência didática, pois permite sistematizar os conteúdos, já que eles serão agrupados em módulos, assim, é possível, após a leitura da obra em discussão, dialogar com os estudantes sobre os elementos culturais, a variação linguística, os elementos da narrativa etc., mas desde que estes sejam interligados, precisando existir uma contextualização dos assuntos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, como pôde-se observar nas discussões dos capítulos deste trabalho monográfico, é uma ferramenta imprescindível nas aulas de língua portuguesa, especialmente se tratando da literatura local, como se viu a relevância da obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima. Dessa forma, as obras literárias, em um sentido geral, possibilitam o desenvolvimento de um ensino-aprendizagem de qualidade, dado, por exemplo, que elas podem aprimorar a habilidade leitora e escritora.

De acordo com as análises feitas da supracitada obra, portanto, fica evidente sua contribuição nas aulas de língua portuguesa, mas é fundamental que o público-alvo seja alunos do Ensino Fundamental, mais exatamente do 6º ao 9º ano, haja vista que o texto deste trabalho pode não chamar a atenção do público infantil, pelo fato de não se tratar de narrativas de fantasia e nem trazer imagens animadas. Além disso, é pertinente afirmar que para o desenvolvimento de qualquer proposta de aula, torna-se indispensável observar o perfil da turma, para, assim, planejar ações que possam, realmente, agregar valores na vida do estudante.

A literatura local, diante disso, é crucial no que diz respeito a valorização de determinada cultura, pois foi possível observar em Oliveira (2016) que estes registros literários servem de comprovações históricas. A exemplo disto, a obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima”, a qual é um importante “documento” para a sociedade paripiranguense, pois nela está escrito, por exemplo, sobre hábitos, costumes, religiosidade, fauna, flora, tudo referente à cidade de Paripiranga-BA, mas também à cidade de Ajustina-BA, então, é perceptível o quão grandiosa a obra é.

Além dos saberes identitários, pode-se notar que com esse trabalho local também é viável o ensino dos saberes intelectuais, visto a marca, por exemplo, da variação linguística social ou diastrática, além da regional, na fala de alguns personagens. Assim, a obra em discussão estende-se a qualquer instituição escolar, independentemente de sua localização geográfica, uma vez que, permite o debate em torno de conteúdos curriculares.

Caso, por exemplo, não fosse possível a construção dos saberes intelectuais e culturais através dessa obra, vale destacar que o próprio enredo, por si só, já seria capaz de aprimorar nem que seja a leitura dos jovens adolescentes, simplesmente por “A Serra dos Dois Meninos”, se tratar de uma história de aventura. Entretanto, este não é o caso, pois além de aperfeiçoar esta habilidade, o estudante aprenderá sobre diversos assuntos, e em concordância com o marco

analítico desse estudo, além das variações linguísticas, também é provável o ensino sobre os elementos da narrativa, mudança linguística, estilo literário, estrutura do gênero conto, concordância, educação linguística etc., mas para tanto, depende da abordagem do professor.

Por isso que, constantemente, reforça-se a ideia/importância de o docente planejar sequências didáticas para o progresso significativo do ensino-aprendizagem, dado que esta ferramenta é fulcral para sistematizar informações e, com isso, construir o conhecimento. Dessa forma, fica evidente que a SD assim como as obras literárias, favorecem para ampliar a bagagem intelectual do aluno.

É importante destacar, contudo, que a literatura é rica em muitos saberes intelectuais, culturais, sociais e linguísticos, além de despertar a curiosidade, desenvolver a criatividade, aprimorar a imaginação e promover a leitura e a escrita. Isto posto, qualquer literatura, desde que possa agregar significado a quem está lendo, e seja ela clássica ou não, pode ser objeto de ensino-aprendizagem.

Em face do exposto, vale afirmar, portanto, que os objetivos desse trabalho monográfico foram alcançados, já que se compreendeu como a literatura local pode ser usada como recurso didático nas aulas de língua portuguesa; pesquisou-se sobre as principais fontes teóricas acerca do valor pedagógico que a literatura local exerce para o ensino-aprendizagem; debateu-se acerca dos saberes essenciais na construção de competências cognitivas a partir do uso da literatura local nas aulas de língua portuguesa e, por fim analisou-se as potencialidades pedagógicas presentes na obra “A Serra dos Dois Meninos”, de Aristides Fraga Lima. Por fim, nota-se, ainda, que esse trabalho não tem uma visão fechada, por isso está passível a demais considerações.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148>. Acesso em: 5 de março de 2021.
- ARENDDT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 17, n. 2, 2015.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.
- BARREIROS, Patrício Nunes; DE SOUZA, Wiliana Coelho. Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: uma experiência com a literatura de Juazeiro-BA. **A Cor das letras**, v. 16, n. 1, p. 70-90, 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, 2017.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- CANDIDO, Antonio. “**O direito à literatura**”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.
- CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. **Português contemporâneo**: diálogo, reflexão e uso. – 1º ano do ensino médio – São Paulo: Saraiva, 2016.
- COELHO, Izete; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; DE SOUZA, Christiane Maria Nunes. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros Oraís e escritos na escola*. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

GONÇALVES, Maria Magaly Trindade; BELLODI, Zina Castelletti. **Teoria da literatura "revisitada"**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2005.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. VARIACÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE GRAMÁTICA. **Work. pap. linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009, pp. 77-91.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 10, n. 22, 2015.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Aristides Fraga. **A serra dos dois meninos**. Ática, 1993.

MARCUSCHI, Beth. Escrevendo na escola para a vida. **Coleção explorando o ensino: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 65-84, 2010.

OLIVEIRA, Antonio Miranda de. O mundo rural na literatura regional de Goiás e Tocantins. **Revista Baru-Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, v. 2, n. 1, p. 93-111, 2016.

PORTO, Luana Teixeira. O conto na visão de Julio Cortázar: atenção à criação literária, lugar de destaque para o leitor. **Estação Literária**, v. 14, p. 111-120, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25890>.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTANA, Jessé; NEVES, Maria. As variações linguísticas e suas implicações na prática docente. **Millenium**, n. 48, p. 75-93, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.19/4004>.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Teoria Literária: poética e teatro**. Cáceres-MT: UNEMAT Editora, 2015.

TOMÉ, Anabela Ventura Valente. **A leitura de literatura na aula de língua portuguesa: contributos para a formação de leitores críticos**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

# TERMO DE RESPONSABILIDADE DO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA



## TERMO DE RESPONSABILIDADE

### RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, Jefferson Reis Santos,

declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado:

A literatura local como facilitadora para o ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa do 6º ao 9º ano, a partir da obra: "A Serra das Doas Meminas", de Aristides Fogaça Lima.

a ser entregue por Gemicélia Leal dos Santos,

acadêmico (a) do curso de Letras.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 07 de julho de 2021.

Jefferson Reis Santos  
Assinatura do revisor

 Avenida Universitária, 23  
Parque das Palmeiras Cidade Universitária  
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277  
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Júnior, BR 407 - Centro  
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,  
270 Várzea dos Cágados  
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,  
701, Bairro Pedra Branca, BR 324  
Jacobina (BA)

Rua Dr. Ângelo Dourado,  
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.

# TERMO DE RESPONSABILIDADE DO TRADUTOR



## TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS.  
Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas.

Eu, Aurelia Emilia de Paula Fernandes, declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé) referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulada:

**A literatura local como facilitadora para o ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa do 6º ao 9º ano, a partir da obra: "A Serra dos Dois Meninos", de Aristides Fraga Lima.**

a ser entregue por **Genicélia Leal dos Santos**,

acadêmico (a) do curso de **Letras**

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua estrangeira.

Paripiranga, 07 de julho de 2021.

*Aurelia Emilia de Paula Fernandes*

Assinatura do tradutor



Avenida Universitária, 23  
Parque das Palmeiras Cidade Universitária  
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277  
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Júnior, BR 407 - Centro  
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,  
270 Várzea dos Cágados  
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,  
701, Bairro Pedra Branca, BR 324  
Jacobina (BA)

Rua Dr. Ângelo Dourado,  
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.